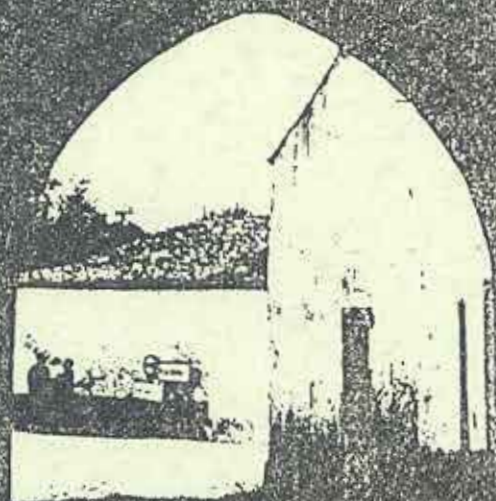


CARLOS TOMAS CEBOLA

**FREI
ADÃO
DINIS**

TEATRO



1986

COTA 8

NÚCLEO LITERARIA

REGISTO

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

Carlos Tomás Cebola

FREI ADÃO DINIS

teatro



1986

A
meu PAI
com quem aprendi a amar
esta nossa Terra
e as suas gentes

CAPITULO I

A RUA LOURENÇO DINIS

Quando pretendem assinalar figuras ou factos do seu tempo, costumam os homens alterar os nomes das ruas nas respectivas cidades, vilas e aldeias. Até em Nisa.

Acontece, porém, e bastas vezes, que a chapa metálica que, a partir de determinado momento, baptiza uma artéria, em nada aumenta a estética, o valor e/ou a tradição da mesma.

Até em Nisa.

Assim, por exemplo, o Largo da Porta da Vila nunca, entre as gentes do povo, será chamado de Largo de Serpa Pinto; o Canto do Adrião, ainda que uma chapa reluzente diga que se chama, hoje, rua do Dr. Mário Monteiro, há-de continuar Canto do Adrião, como a Rua dos Chouriços, a Rua das Adegas, a do Fundo, a do Engenho, a do Poço e tantas outras, muito embora e oficialmente sejam a Rua do Capitão A, do Conselheiro B ou do Doutor C.

É fácil perceber-se por quê. Mais. É perfeitamente compreensível o desabafo do nisoro quando, na pureza da sua linguagem exclama - " Dé! Tod'á vid'áqui foram as Portas de M Montalvão!".

Um grito de imortalidade num consenso de mor

tais. Os pergaminhos de uma Terra gravados nas paredes e nas pedras da calçada. Os títulos de nobreza de um Povo perpetuados numa tradição que o rolar dos séculos não afectou.

Para ele, nissorro, esta é a grande verdade. E ele sabe! Sabe e sente-a sempre que fala das suas ruas chamando-as pelos nomes que, ao longo de gerações ficaram a caracterizar e a definir cada uma delas.

★

A rua Lourenço Dinis, teimosamente, conserva o nome de há quatrocentos anos.

É uma rua estreita, íngreme e, embora longa, com meia dúzia de casas, -penas.

Casas pequenas, inestéticas, pobres.

Uma delas, contudo, na sua época, foi o que poderia ter-se chamado uma casa Grande.

Grande pelas proporções da sua construção.

Grande pelas riquezas que possuía.

Grande, enfim, e principalmente, pela linhagem de seus donos.

Lourenço Dinis, o anfitrião cujo nome havia de perpetuar-se no da própria rua, a construiu e dela fizera solar da sua gente.

Por isso, ali viveram sempre os mais legítimos e directos descendentes dos Dinises - uma patriarcal família da velha Nisa.

★

A sala principal - chamemos-lhe nobre - do solar dos Dinises tem uma janela, em sacada, rasgada quase sobre a junção de quatro ruas.

Uma porta, À DIR ITA, ao cimo de uma escada-

ria de pedra, que desce para a rua, e uma outra porta, A ESCURADA, que conduz aos aposentos interiores.

Há uma MESA GRANDE, ao centro, e em volta da qual se congrega, nos momentos mais solenes, toda a família.

Sobre a mesa, um CANDELÁBERO.

CADIRAS de estilo, confortáveis, ocupam os espaços vazios e um velho CONTADOR, uma das paredes.

★

ÁLVARO DINIS é o chefe da família. O último chefe de uma família que, em sua boca, viu crescer os muros da Vila.

Está sentado, a uma das cabeceiras, olhando absorto o candelábero, à sua frente.

Pela janela aberta entra o movimento escasso da rua - vozes dos que passam, uma salvação amiga, o grito de uma mãe chamando pelo filho.

Alguém sobe as escadas, correndo.

CONSIANJA é uma rapariga jovem, fresca, viçosa e garrida - protótipo da mulher de Nisa.

Não tem, ainda, dezoito anos, e é sobrinha de Álvaro Dinis.

Alegre e buliçosa irrompe pela sala, quebrando, assim, o silêncio que envolvia a meditação do tio

★

CONSTANÇA...- Perdão, meu tio!

ÁLVARO.....- De quê, minha filha?

CONSTANÇA...- Sou uma doida! Vim correndo, escada acima, e entrei, por aqui dentro, como qualquer menina mal comportada. Eu devia, ou melhor, eu não devia ter procedido assim, mas também é verdade, eu não sabia que o senhor se encontrava nesta sala. Se o tivesse adivinhado...

ÁLVARO.....- Se o tivesses adivinhado, terias vindo respeitosa e religiosamente, como convém, quando se transpõem os portais de de um túmulo, onde se conserva, ainda, o pouco que já resta do último dos Dinises.

CONSTANÇA...- Que dizeis, senhor?

ÁLVARO.....- Esquece o que ouviste. Esquece, Constança! É só esta cisma tamanha que tanto me ocupa e preocupa.

CONSTANÇA...- E que razão, assim, tão forte, ou sentimento, vos provoca tal estado?

ÁLVARO.....- Meu filho.

CONSTANÇA...- Adão Dinis?

ÁLVARO.....- Ele só. Em breve, duas ou três semanas e será padre. Subirá os degraus que hão-de levá-lo para mais junto do altar do Senhor e ficará, assim, mais longe de todos nós, mais longe de... Ó meu Deus! Se eu pudesse...

CONSTANÇA...- Pareceis arrependido, meu tio, do destino que, desde tenros anos, lhe marcaste. Pois não é verdade que, vós mesmo, e minha tia, viste, sempre, com bons olhos, que ele, um dia subisse ao altar?

ÁLVARO.....- E só eu sei, agora, da luta enorme que se trava em mim. Tão nobres intenções ditaram os meus propósitos e, de repente, agasto-me, duvidando até ao extremo daquilo que consegui.

CONSTANÇA...- Meu tio!

ÁLVARO.....- Escuta, minha filha. Uns anos mais, que serão poucos, e a minha vida chegará a seu termo. E depois?

CONSTANÇA...- Depois?

ÁLVARO.....- Sim. E depois? Depois, Constança, quem vai continuar tu de aquilo que nossos avós construíram e tornaram nobre?

CONSTANÇA...- Mas...

ÁLVARO.....- Quem vai continuar uma família que viu nascer os muros da Vila? Quem sabe até se antes de se erguerem estas muralhas, que El-rei Dom Afonso, o Quarto, achou por bem que se erguessem, quem sabe, não haviam já passado gerações da nossa gente?

Porque eu acredito, Constança, que a verdadeira, a única verdadeira e genuína família desta Terra, é a nossa.

Esta Terra sempre se chamou NISA. Primeiro, foi NISSA :
- Nissa - a - Nova, dos colonos francos. Depois, simplesmente NISA. E os homens aqui nascidos foram, desde sempre, OS DE NISA. O nosso nome!

É sempre que tudo isto acode ao meu espírito, a mesma pergunta de imediato surge. Quem vai prolongar um nome que nunca deixámos morrer, se o único filho, que me Deus me deu, renuncia a propagá-lo? Por quê tão tarde? Por quê tão tarde se fez luz em meu espírito?

CONSTANÇA....- Então é isso?

ÁLVARO.....- Não te parece bastante? Pede ao céu que, nunca, em tua vida, tenhas dia ou noite como aqueles que tenho vivido, últimamente. Só de recordá-los...

CONSTANÇA....- E por que se tortura, assim?

ÁLVARO.....- Pensas, então, pobre criança, que sofro porque gosto de sofrer? Não te iludas. São eles. Sinto, em meu redor, as sombras aterradoras dos nossos antepassados. Ouço os suas vozes que me vituperam e vejo os seus espectros que se erguem, como carrascos apontarem um condenado. De dia, não dá scanço. Mas a noite - o silêncio da noite tão propício ao sono - é para mim mais insuportável que o bulício do dia. É quando todos dormem, nesta casa, que as suas vozes e os seus fantasmas, erguendo-se das trevas, mais impiedosamente me perseguem. Nem sei de como não enlouqueci, já.

CONSTANÇA....- Santo Deus!

ÁLVARO.....- Agora, é medida que o dia vai morrendo, o medo da noite mais me atormenta. Tenho medo, Constança! Tenho medo da noite. Adivinho que, numa delas, não chegarei ao fim. Quanto tempo suportará um homem luta tão desigual? Todos se levantam e me acusam e eu nada tenho para me defender.

CONSTANÇA...- Meu pobre tio!

ÁLVARO.....- Há muitas noites, durante largas horas, que os meus olhos não se fecham. Vagueiam errantes, pela escuridão do quarto, como um animal encurralado e indefeso á espera, sempre, do golpe do inimigo. Depois...até no sono. Até naqueles poucos momentos em que o meu corpo extenuado adormece,..até nos sonhos me perseguem e martirizam.

CONSTANÇA...- Mas...

ÁLVARO.....- (sem a ouvir) Na passado noite, creio que adormeci por um breve instante e logo um sonho - horrível pesadêlo - se apossou de mim. E sonhei...Escuta. Escuta e vê se compreendes. Sonhei que saíamos da igreja, da Matriz, e tu vinhas comigo. Até tu, minha pomba inocente, misturo já nestes meus delírios.

CONSTANÇA...- Estarei sempre a seu lado, meu tio. Nunca conheci meu pai mas, vivesse ele, e não poderia querer-lhe mais do que quero a si.

ÁLVARO.....- Eu sei, meu anjo. Mas escute o resto. Saíamos da Matriz onde meu filho acabára de ofertar a Deus o santo sacrifício. Outras pessoas vinham saindo, também, e cumprimentavam-nos, respeitosamente, como sempre tem acontecido. De repente...algo se passou que encheu o Largo de gente. Uma multidão, num instante, desvairada e louca, que nos insultava, escarnecia e amaldiçoava. Eu quis fugir. Quis arrastar-te comigo para bem longe da turba, em desvario: e eram todos nossos conhecidos, amigos e até parentes. Eu quis. Juro. Mas era impossível fugir! A roda fechára-se, á nossa volta, como o grilhão nos pés do condenado. E os gritos e os insultos eram cada vez maiores, mais cruéis, mais aterradores. Depois...

CONSTANÇA...- Não se aflija mais, senhor!

ÁLVARO.....- (continuando) Depois...atiraram-nos pedras. Pedras e lama. E, suprema afronta, minha filha, a primeira pedra atin-giu-te, Constança. Foste tu a primeira vítima de tamanha afronta. Quando me curvava para socorrer-te, acordei de tão horrível pesadêlo.

CONSTANÇA...- Vê! Foi, apenas, um sonho mau.

ÁLVARO.....- Terá sido?

- CONSTANÇA...- Foi, sim. Para que preocupar-se tanto? Para que incomodar-se com fantásticas culpas quando, afinal, só as alegrias de ter merecido um filho sacerdote deviam ocupá-lo?
- ÁLVARO.....- Olha para mim, Constança. Vê bem o fundo dos meus olhos e dize-me se, por ventura, sentes tu essas alegrias como quase... como quase sua irmã!
- CONSTANÇA...- Que import. o que eu sinto, meu tio?
- ÁLVARO.....- Olha para mim, Constança! Não procures iludir o tom velado da tristeza que passou na tua voz!
- CONSTANÇA...- Apenas a tristeza de não ver-vos feliz, como desejava e vós mereçais. Se na minha mão estivesse poder dar-vos, ou se da minha vida dependesse, era com um sorriso que a trocária de bom grado.
- ÁLVARO.....- (acariciando-a) Deus te abençoe, Constança. Deus te abençoe por aquilo que és e pelo bem que me fazes. Deus te abençoe.
- CONSTANÇA...- Vamos! É a ora nada de sofrimentos, nada de preocupações ou remorsos, por culpas que não tem. Só as doces alegrias de ter sido um bom e nobre chefe de família, honrado e respeitado por suas qualidades e virtudes! Se Deus quis chamar a seu serviço o único filho que lhe deu, também não permitirá que se perca o nome, aquele nome de que vós, meu tio, sois venerável depositário.
- ÁLVARO.....- Como são agradáveis de ouvir as tuas palavras!
- CONSTANÇA...- Quem sabe, até, se não ficará mais imorredoiro, assim, o vosso nome?
- ÁLVARO.....- Como és boa e amiga, Constança!
- CONSTANÇA...- E, se o preocupa, apenas, a descendência carnal da nossa gente, não esqueça, senhor, que alguém mais pode continuá-la.
- ÁLVARO.....- Tu?
- CONSTANÇA...- (altiva) Eu. Também eu sou uma Dinis e quase vossa filha!
- ÁLVARO.....- Tu? Não. (firme) Não e não.
- CONSTANÇA...- Por quê não? (crescendo) Minha mãe era vossa irmã, senhor. O sangue das minhas veias correu dos mesmos avós e brotou da mesma fonte. Sou sadia e forte. Terei filhos robustos e dignos do meu nome e que irão beber a nobreza da nossa gente na mama que o meu peito lhes há-de dar.

ÁLVARO.....- Cala-te. Cala-te, por piedade!

CONSTANÇA...- (afagando-o) Meu pobre tio! Como deve ter sofrido para, assim, repudiar aquela que sempre tem tratado como filha.

ÁLVARO.....- Não digas mais. Não digas isso. Tem, ao menos, piedade de um pobre velho para quem és a luz dos olhos e que preferia morrer a desgostar-te.

CONSTANÇA...- (de joelhos) Mais necessito eu do vosso perdão porque me exaltei e não soube dominar este orgulho que julguei ferido.

ÁLVARO.....- És bem uma Dinis. Mas não foi para ofender-te que a minha boca se abriu. Foi, antes, pelo muito que te quero. Foi, talvez, pelo egoísmo ou...pelo ciúme de um velho!

CONSTANÇA...- Que ciúme?

ÁLVARO.....- É o egoísmo! Sim. Tudo isto. Apenas isto. (um silêncio) Quando pensei, um dia, que o meu filho me daria um neto para continuar o nosso nome, foi em ti que o meu pensamento se deteve. Sem o saberes, foste tu a mãe que escolhi, nesse mesmo instante.

CONSTANÇA...- Virgem da Graça!

ÁLVARO.....- Foste tu a esposa que escolhi e destinei a Adão : uma nova Eva, novo tronco de uma árvore cujos ramos dominariam a Vila inteira! E agora...agora não suportei a ideia de ver-te unida a outrém, de saber-te mãe de outros filhos que não fossem os meus netos!

CONSTANÇA...- Senhor, que me despedaçais a alma!

ÁLVARO.....- Pois...também tu...

CONSTANÇA...- Também eu.

ÁLVARO.....- Devia tê-lo adivinhado! E, se outra prova não tivesse, bastaria a tristeza que, há pouco perpassou na tua voz, para mo afirmar. Também tu, Constança! Também tu viveste, um dia, esse sonho lindo, não é verdade?

CONSTANÇA...- Confesso, senhor. Confesso e não còro de o dizer. Não é vergonha confessar-se um primeiro e único amor! Não é vergonha confessar-se um sentimento que é tão natural e puro como a água que jorra da montanha ou como a flor silvestre que desponta á beira dos caminhos. (ajoelha)

ÁLVARO.....- Levanta-te, minha filha!

CONSTANÇA....- Confesso que o amei. Sempre. E só a ele: um sonho para o qual vivi, de corpo e alma, cada dia dos meus verdes anos.

ÁLVARO.....- Assim o nosso destino se assemelha!

CONSTANÇA....- Depois, quando o vi partir, quando percebi que o meu sonho morreria, como a árvore que não chega a dar fruto, então procurei conformar-me. Que outra coisa podia eu fazer? No silêncio de mim mesma, tenho assistido á morte do mais lindo sonho da minha alma! Só agora não pude calar-me. Só agora, ao ver-vos tão oprimido e atormentado, não pude esconder, por mais tempo, o meu segredo!

ÁLVARO.....- Levanta-te, minha filha. Não devem as almas, como a tua, estar tão perto do chão que nós pisamos. (ajuda-a) Ergue-te, assim, á minha altura. És bem o padrão de uma raça que só em ti deve continuar!

GUIOMAR.....- (chamando de fora) Álvaro! Álvaro!

ÁLVARO.....- Tua tia chama-me. Eu vou. Posso, agora, enfrentar os medos que me torturam porque já não estou só. Deus te abençoe. (beija-lhe a mão)

CONSTANÇA....- (atônita) Que fazeis, senhor?

ÁLVARO.....- (retirando-se) Obrigado, minha filha! Obrigado!

CONSTANÇA....- (altiva, vendo-o sair) O teu nome continuará. Eu sei.

★

CAPITULO II

DINIS É MAIS DINIS

Para quem gosta de folclore, na medida em que folclore pode significar todo um conjunto de actividades, usos, costumes ou manifestações várias, que chegaram até nós com a simples senha de que já os avós de nossos avós assim faziam, para quem gosta de folclore - dizíamos - um casamento em Nisa vale, por si só, estudo longo e aturado.

Desde a primeira troca de olhares até ao baile do segundo dia, um casamento em Nisa, é (foi!) uma das mais exuberantes misturas do religioso, do cívico e do pagão que as civilizações já conheceram.

Do seu ritual muito se tem perdido nas últimas décadas. Muito! Quase tudo.

Esperemos, no entanto, que historiadores e curiosos se incumbam - devia fazê-lo, pelo menos - uns e outros de não deixarem perder de vez aquilo que durante gerações foi todo um cerimonial sagrado que pais, filhos e familiares faziam ponto de honra em satisfazer.

★

"...Logo que o filho chega à idade de dezoito"
"a vinte anos a mãe trata de lhe escolher e"

" alcançar noiva para o casar: lança os olhos "
" pelos fornos, fontes e rios onde concorrem as "
" donzelas da terra, e logo que encontra algu- "
" ma, que lhe contenta, principia a informar-se "
" das suas circunstâncias, para resolver, se "
" lhe convém... Feita a escolha comunica-se ao "
" marido... e segue-se então pedi-la aos pais.. "
" ...Com a saia e mantilha preta, e as suas con- "
" tas na mão, vai ela nos longos serões de in- "
" verno, corrida e vexada, e tremendo de receio "
" e de esperança, a casa da futura sogra de "
" seu filho, e ali se senta, na clássica lareira "
" contando e ouvindo..."

Dr. Motta e Moura
(Memoria da Vila de Nisa)

★

- GUIOMAR.....- Senta-te, minha prima! Há muito que não te via!
- IRIA.....- Nem sempre a vida nos deixa tempo livre ainda que seja para visitar os parentes! Há já uns dias que vinha dizendo para meu marido "tenho de ir visitar a nossa prima Guiomar Dinis". Adregou ser hoje!
- GUIOMAR.....- Também eu, e por mais de uma vez, desejei ir a tua casa mas há um ano, apenas que a minha mãe se finou - o Senhor a tenha em glória - e não pode a pessoa de bem mostrar-se, na rua, passado tão pouco tempo!
- IRIA.....- Pois é.
- GUIOMAR.....- Que diria o povo?
- IRIA.....- Não faltaria! Ele fala-se daqueles a quem nada se pode apontar, quanto mais de quem dê uma leve ocasião. Tu não vês o que está acontecendo com a Violante do Silveira?
- GUIOMAR.....- Que fez ela?
- IRIA.....- Ai, minha prima! Então tu não sabes? Anda aí, nas bocas do povo, por causa de um alferes que veio de Portalegre. Um dos da milícia!
- GUIOMAR.....- Não ouvi dizer nada. Deus me salve!
- IRIA.....- Pois anda.
- GUIOMAR.....- Mas ela parecia ser uma moça, assim, tão assisada! O pai e a mãe eram pessoas tão...
- IRIA.....- Ora, minha prima! Já a nossa avó - Deus lhe perdoe - dizia que... Tu não te lembras da nossa avó falar de um caso que se tinha passado com a avó desta e que, por sinal, também se chamava Violante?
- GUIOMAR.....- Não tenho idéia, não.
- IRIA.....- Tu eras mais nova, não admira! Mas que houve qualquer coisa, lá i so houve. Agora, foi a neta! Ai, minha prima tem sido uma falação, lá para a Vila! Só visto! Ainda o povo se não tinha calado com o Bastião Nunes e...
- GUIOMAR.....- Qual Bastião? O afilhado de nosso tio?
- IRIA.....- Esse mesmo.
- GUIOMAR.....- Mas que houve com o rapaz?
- IRIA.....- Será de caso que também tu não saibas? Outro escândalo! Mas parece impossível não teres ouvido falar de um...

- GUIOMAR.....- Vivemos aqui muito sós, não é?
- IRIA.....- Graças ao Altíssimo! Dá graças, prima! Já nós, lá na Vila, às vezes, mesmo sem querer, e dentro de nossas casas.. Ainda ontem, mesmo ali, ao pé da porta, que desaforo! A filha do Barbudo - o Xavier Barbudo - com o derriço! Uma vergonha!
- GUIOMAR.....- A culpa também será do pai!
- IRIA.....- Só dele. Só dele. Se ps nossos pais, alguma vez...mas o Barbudo é só pelas adegas, a beber deste e daquele... Ai, minha prima!
- GUIOMAR.....- (noutro tom) Mas fala-me dos teus! O teu marido?
- IRIA.....- São e riço. Parece que não passam os anos por ele! E nosso filho Vasco, esse...
- GUIOMAR.....- Como está ele, o Vasco Semedo? Um homem, não?
- IRIA.....- É das idades de Frei Adão. Um nasceu em Maio e o outro em Junho!
- GUIOMAR.....- Vinte anos! O Vasco Semedo! Mas de que me admiro eu se, cá em casa, minha sobrinha Constança também já está uma senhora!
- IRIA.....- É bela!
- GUIOMAR.....- Virtuosa!
- IRIA.....- Prendada, como poucas, graças aos tios que a criaram e sempre lhe quiseram como a uma filha verdadeira.
- GUIOMAR.....- Obrigações, Iria Semedo.
- IRIA.....- Ela tem já que idade?
- GUIOMAR.....- Fez dezessete pelo Mártir Santo .
- IRIA.....- Tereis de pensar em casá-la, qualquer dia!
- GUIOMAR.....- Lá chegará o seu São João!
- IRIA.....- Pretendes não hão-de faltar!
- GUIOMAR.....- Quem o pode saber?
- IRIA.....- Ora, ora. De um sei eu que lhe bebe os ares!
- GUIOMAR.....- E...quem é ele, Iria Semedo?
- IRIA.....- Meu filho Vasco!
- GUIOMAR.....- (entre admirada e surpresa) Não!
- IRIA.....- (deixando os indicadores em cruz) Por esta santa Cruz!
- GUIOMAR.....- Muito me contas!

IRIA.....- Não te parece, Guiomar Dinis, que pode aspirar à mão de Constança? Filho mais obediente e respeitador, não há em toda a Vila. E trabalhador! Desde que rompe a aurora até sol-pôr, é o campo, são os cuidados da lavoura, é o gado...Braço de trabalho...só visto! Quanto à família a que pertence, nada digo. Tu própria és da nossa gente. Quanto a bens...

GUIOMAR.....- O Vasco Semedo!

IRIA.....- (continuando) ...quanto a bens, se não bonda o que já tem de seu, há ainda o que lhe há-de deixar seu pai. Tu s bes que, só este ano, minha prima, e afora o gado que a moléstia lhe matou, e apesar da grande estiagem que causou danos, por aí, a tantos lavradores, com a falta de pastagem, pois ele, mesmo assia e só à sua parte, criou para cima de um cento de cabeças. Todas dele, que lhas deu seu pai e disse-lhe, logo, que também as casas, cabanas e cabanal, que temos defronte das do capitão-mor Galeano, serão dele quando casar.

GUIOMAR.....- As casas são umas belas casas, se são aquelas em que estou pensando!

IRIA.....- As do Canto do Adrião!

GUIOMAR.....- Essas mesmas! (Pequena pausa) Quem me diria a mim que o filho de minha prima...

IRIA.....- Há mais de um ano! Mais e bem mais que o pobre se amofina e aflige de amores. Tu bem via, Guiomar! Tu bem via e adivinhava a cisma em que ele andava.

GUIOMAR.....- ...fálaste-lhe?

IRIA.....- Deus me guarde!

GUIOMAR.....- Sempre foste muito opiniosa!

IRIA.....- Foi ele mesmo que mo confessou, depois de eu ter dito que pensava em arranjar-lhe noiva, naturalmente!

GUIOMAR.....- E o teu marido também...

IRIA.....- Também. Com que satisfação e alegria nós veríamos esta união!

GUIOMAR.....- Que direi eu?

IRIA.....- ... que dirá nosso primo Álvaro Dinis?

GUIOMAR.....- Deixa isso a meu cuidado!

ENTRA FREI ADÃO

GUIOMAR.....- Meu filho!

F.ADÃO.....- Senhora mãe!

IRIA.....- Frei Adão!

F.ADÃO.....- Senhora, minha prima!

GUIOMAR.....- Foi Deus que te enviou, nesta hora!

F.ADÃO.....- Não me destinasteis vós ao seu Divino Serviço?

GUIOMAR.....- Senta-te meu filho. Senta-te. Também a ti o assunto importa.

IRIA.....- É a tua opinião nos interessa.

F.ADÃO.....- Pois bem. (senta-se) Pois bem. Dizei.

GUIOMAR.....- Nossa prima e eu falávamos de Constança.

IRIA.....- É de meu filho Vasco Semedo!

F.ADÃO.....- Não entendo, senhora!

IRIA.....- Vasco Semedo já vai nos vinte anos e pensamos que chegou a altura de casá-lo. A vosso primo, meu marido, e a mim, pareceu que a mais prendada e virtuosa donzela que podíamos escolher para ele é, precisamente, Constança Dinis.

F.ADÃO.....- Quereis casar Constança com Vasco Semedo?

IRIA.....- Não te parece, Frei Adão, que Deus os terá feito um para o outro.

F. ADÃO.....- Não.

GUIOMAR.....- (surpresa) Não?

F.ADÃO.....- Não...não posso negá-lo mas, sempre...Senhora, minha mãe, Constança é uma jovem, quase uma criança...

IRIA.....- Já fez dezessete anos!

F. ADÃO.....- Que importa isso?

GUIOMAR.....- Importa a honra que nossos primos nos fazem ao escolhê-la, entre tantas donzelas casadoiras!

IRIA.....- Não terás, com certeza, algo a dizer da nossa gente! Algo que moleste a família desta casa?

GUIOMAR.....- A mim me parece bem.

IRIA.....- Ou tê-la-ias já destinada a outrém?

F.ADÃO.....- Por Deus, senhoras! Exaltei-me um pouco, talvez, porque pensei...pensei em vós, apenas, minha mãe. É Constança que vos acompanha e alenta, a cada hora! É ela a doce cotovia que saltita, enchendo de sol, de riso e de canto toda esta casa! É ela, em suma, tudo o que nos resta da alegria da vida! Pensei que para vosso cuidado, devíeis conservá-la uns tempos mais junto de vós. Mas...vós é que sabeis! E só a vós cabe decidir do futuro que a espera. Se vos parece bem...

LORGE, COMEÇA A OUVIR-SE UMA TROVOADA, QUE SE APROXIMA E QUE IRÁ ACOMPANHAR O DESENROLAR DE TODA A CENA ATÉ ATINGIR O AUGE, APÓS A ÚLTIMA FALA.

F.ADÃO.....- (continuando) ...e quanto a vós, senhora prima, e para mostrar todo o apreço em que tenho a vossa gente e o quanto nos honra a preferência que nos dais, digo-vos que eu próprio transmitirei a noticia a Constança.

IRIA.....- É honra que nos dás, Frei Adão! Uma grande honra! (noutro tom) E porque a hora avança, uma trovoada se anuncia e em casa me esperam com ansiedade, eu despeço-me.

GUIOMAR.....- Acompanho-te, minha prima. E, de caminho, se combinará o dia em que poderás voltar.

F.ADÃO.....- Senhora, minha prima!

IRIA.....- Adeus, Frei Adão!

GUIOMAR.....- Direi a Constança que a esperas.

F.ADÃO.....- Como entenderdes, minha mãe.

SAI GUIOMAR COM IRIA,
UMA PAUSA COM A TROVOADA SEMPRE
EM FUNDO.
ENTRA CONSTANÇA.

CONSTANÇA...- Tua mãe disse-me que querias falar-me. Aqui estou.

F.ADÃO.....- É verdade. Não queres sentar-te?

CONSTANÇA...- Muito importante e grave deve ser o caso!

F.ADÃO.....- E é. Mas...por que dizes isso?

CONSTANÇA...- Pelo ar solene do teu rosto e pelo tom sério da tua voz.

F.ADÃO.....- Mas...

CONSTANÇA...- Não digas. Repara só. Entrei e nem um sorriso para acolher-me, nem a tua mão caridosa estendida, nem o beijo carinhoso que sempre se trocou, entre nós. Não restam dúvidas! Muito importante e grave deve ser o caso ou, se o não é, que foi que mudou?

F.ADÃO.....- Perdoa-me, Constança! Talvez eu tenho mudado! Por vezes, acontece sem darmos por tal. Basta que...que...alguma coisa surja, de repente, onde ou donde menos se espera, ou...Mas, senta-te.

CONSTANÇA...- Ouvir-te-ei de pé.

UM SILÊNCIO EMBARRAÇOSO

F.ADÃO.....- Constança!

CONSTANÇA...- Sim.

F.ADÃO.....- (a mêdo) Constança. (resoluto) Constança! Estou incumbido de participar-te a nova que, nesta casa, e há bem pouco tempo, ainda, se decidiu a teu respeito.

CONSTANÇA...- (fria) E quem decidiu? Tu?

F.ADÃO.....- Minha mãe.

CONSTANÇA...- E teu pai, não?

F.ADÃO.....- Apenas minha mãe me participou.

CONSTANÇA...- Continua, então.

F.ADÃO.....- Deves casar-te com Vasco Semedo, nosso parente. Ele é lavrador. Tem uma casa abastada. Vinte anos. É forte. Saudável. Casarás com ele.

CONSTANÇA...- Sairei desta casa. Com o meu dote enriquecerei ainda mais o seu património. Terei filhos. Muitos filhos...
É isso?

F.ADÃO.....- Sim.

CONSTANÇA...- Devo agradecer-te?

F. ADÃO.....- Já afirmei que apenas minha mãe, por enquanto, decidiu que assim fosse.

CONSTANÇA...- E tu?

F. ADÃO.....- A minha opinião pouco pode interessar porque é, certamente, a tua felicidade o que mais importa.

CONSTANÇA...- E a felicidade é ser rico e forte e saudável e ter vinte e anos e casar com quem...

F. ADÃO.....- Quem o decidiu, por certo que...

CONSTANÇA...- Por certo, serei muito...muito feliz. (chora)

F. ADÃO.....- Mas...tu choras? Por que choras tu, Constança?

CONSTANÇA...- (dominando-se) Já não choro. Foi apenas uma lágrima que não pude dominar.

F. ADÃO.....- Antes isso. Chorando, apenas consegues roubar o brilho dos teus lindos olhos negros. (acarinha-a)

CONSTANÇA...- Deixa-me.

F. ADÃO.....- Por que me repeles? Que mal te fiz eu?

CONSTANÇA...- Vai-te embora. Vai-te, Adão Dinis.

F. ADÃO.....- Desprezas-me, agora?

CONSTANÇA...- (triste) Desprezar-te, eu? Como podes falar, assim? Só porque não podes ou não queres compreender-me e pões na tua boca um queixume que só de meus lábios devia ter saído?

F. ADÃO.....- Que dizes?

CONSTANÇA...- Eu é que devia perguntar-te : que mal te fiz? Que culpas são as minhas para merecer tamanha penitência? Só porque, durante anos, tive a veleidade de sonhar? Mas quem há que possa impedir os sonhos na alma de uma rapariga, como eu? Quem pode opor-se a que um coração jovem e cheio de vida se entregue a devaneios? Quem? Foi, talvez, esse o meu pecado. E pelos vistos um pecado horrendo! Mas como podia uma frágil donzela resistir a tamanho apêlo, se o mesmo sol me aquecia, de manhã á noite, e o mesmo ar me envolvia e alimentava, a cada hora?

F. ADÃO.....- (a mêdo) Constança!

CONSTANÇA...- Apesar de tudo, Deus sabe quanto lutei e luto, ainda, para afogar e não conceber loucuras! Mas foi sempre mais forte do que as minhas fracas forças! Mas foi sempre superior a tudo. E Deus sabe. Deus e...o teu pai.

F. ADÃO.....- Meu pai?

CONSTANÇA...- Ele que me perdoe porque amei quem não devia ter amado, porque sonhei e não devia ter sonhado, porque prometi, um dia, e a promessa...

F. ADÃO.....- Que promessa?

CONSTANÇA...- Que importância pode ter isso para ti? Até onde podem interessar-te os nossos sonhos, os nossos desejos ou os nossos compromissos, se tu começaste a ficar lá longe, distante... Pouco a pouco, é certo, mas não tão discretamente que se não notasse. Fugiste de nós! Fugiste de mim como se eu deixasse de ser aquela a quem teu pai chama filha e começaste a tratar-me como se a minha presença te incomodasse. Desde há meses, falas, hoje, a sós, comigo e para me impores um casamento, como um juiz que se dispõe a fazer cumprir uma sentença! Por quê?

F. ADÃO.....- (frio) Cala-te.

CONSTANÇA...- Responde. Por quê?

F. ADÃO.....- (crescendo sempre até final da cena) Queres saber por quê? Queres, na verdade, saber por que tenho tentado, e é verdade, por que tenho tentado fugir de ti? Desprezar-te, até? (toma-lhe as mãos) Escuta, então. Tudo isto só porque não é possível ignorar o perfume de uma rosa que se traz no peito, só porque não é possível ter não num sentimento que irrompe em nós com a mesma força com que a água rasga o paredão e alaga os campos, é sua volta, só porque não é possível viver a teu lado sem te amar!

CONSTANÇA...- (reprimindo um grito) Adão!

F. ADÃO.....- (apertando-a nos braços) Agora, vais puvir-me até ao fim. Sempre te amei, Constança. Sim. Sempre te amei. E esta é a resposta a todas as perguntas. É esta a grande, a única, a doce e a amarga verdade da qual, Deus me perdoe e se amerceie de mim, da qual não posso fugir

por mais que tente, porque ela enche, domina e avassala
toda a minha existência. Amo-te. Amo-te, Constança!

A TROVOADA REBENTA FORTE

UM RELÂMPAGO ILUMINA A CENA

U... TROVOA RIBOMBA ATERRADOR

★

CAPÍTULO III

QUEBRANTO

Tal como é algre e folgazão, o risorro é crente e supersticioso. Nas horas de angústia, tanto recorre ao Poder Divino como a charlatão-benzedor, quando o não faz aos dois, simultaneamente. Por isso, desde sempre, ele espera alívio para seus males das mãos de Nossa Senhora da Graça e da vizinha que, por antiga e virtuosa, sabe orações ritos e mêninas cujo poder e eficácia criaram fama.

★

Junto á lareira, nas longas noites em que o vento desce da serra e ceifa a planície, as mulheres costuram, ou bordam, num ritmo cadenciado e conventual.

É então que surgem as histórias - as que são histórias e as que o não são.

★

LEONOR.....- Depois...parece que certa noite, fora de horas, bateram-lhe á porta, com a noticia de que a filha fora acometida pelas dores do parto.

BEATRIZ.....- Chegára a sua hora!

LEONOR.....- Tocado pelo remorso, o alma negra...

GUIOMAR.....- Não blasfemes, Leonor!

LEONOR.....- Dizer verdades não é blasfémia. É a verdade é que um homem que assim procede tem de, por força, ter a alma negra.

BEATRIZ.....- Não digas isso, mulher. Dos mortos não se deve falar mal.

GUIOMAR.....- Deus o terá julgado com Justiça Divina!

LEONOR.....- E o terá mandado lá bem p'rás profundas do inferno.

GUIOMAR.....- Nem tudo, nele, foi tão mau, assim! E a prova é que, mal o soube, ela correu a casa da infeliz.

LEONOR.....- Mas era tarde!

GUIOMAR.....- Nunca é tarde para se fazer o bem.

LEONOR.....- Mas, ali, era. O Criador chamara a sua alma a contas e pobre já nem viu a criança que deixava nos braços do avô.

CONSTANÇA...- (dá sinais de inquietação)

GUIOMAR.....- Que tens tu, Constança?

CONSTANÇA...- Nada. Não é nada, senhora.

GUIOMAR.....- Por que tentas enganar-me?

CONSTANÇA...- Mas...

GUIOMAR.....- Há dias que te observo e o coração mo confirma. Andas pálida, tu que tão boas cores sempre tiveste! Já não cantas, tu que sempre foste a alegria desta casa! Mal comes e, quando o fazes, não escondes o sacrificio a que te obrigas. Estarás doente?

CONSTANÇA...- Talvez um pouco

BEATRIZ.....- A menina anda doente?

CONSTANÇA...- Não há-de ser nada de cuidado, Beatriz.

GUIOMAR.....- Mas, então, por que não o dizias?

CONSTANÇA...- Não merecia a pena!

GUIOMAR.....- De que te queixas tu, minha filha?

CONSTANÇA...- Nada me doi, senhora. É apenas...

LEONOR.....- (intencional) Mal de amores!

GUIOMAR.....- É isso?

CONSTANÇA...- Senhora, eu...

GUIOMAR.....- Se o mal é esse, porque tal cisma? Qual de nós, mulheres, mesmo aquelas que Deus escolheu para Si, não sofreu um dia desse mal?

CONSTANÇA...- Mas, senhora...o mal...

GUIOMAR.....- Maior será para mim, no dia em que te receberem por esposa. Depois que tudo se desfez com Vasco Semedo, nosso primo, estava eu longe de que, por teu lado, houvesse feito escolha!

BEATRIZ.....- É natural mas não é normal.

GUIOMAR.....- Quem é ele? Podes falar. Podes falar comigo pois te quero e te crisi, como se minha filha fosses. Quem é ele?

LEONOR.....- Dificil terá sido a escolha! Tantos são os mancebos que vos requestram! Sois bela, jovem, bem aparentada e...

BEATRIZ.....- Um dia, rica!

GUIOMAR.....- É verdade. Não temos mais filhos e Adão Dinis...

LEONOR.....- Frei Adão!

GUIOMAR.....- Esse todo se entregou ao serviço divino, renunciando às riquezas que possuímos. Tuas serão.

CONSTANÇA...- (deixa cair a cabeça entre as mãos)

GUIOMAR.....- Constança, minha filha, que tens tu?

CONSTANÇA...- Uma dor horrivel de cabeça : tão grande que se me turva a vista, olhando a agulha, e tão forte que me rouba as forças e o alento.

LEONOR.....- E há quanto tempo dura?

CONSTANÇA...- Dois ou três dias, julgo.

GUIOMAR.....- Terá sido do sol, tão traiçoeiro, neste tempo? Vai. Vai deitar-te. Vai deitar-te já. Amanhã, por certo, estarás melhor.

CONSTANÇA...- Não vale a pena.

BEATRIZ.....- e por que não há-de ir?

CONSTANÇA...- Este mal estar...

LEONOR.....- Não será quebranto?

BEATRIZ.....- Quebranto? O quem se atreveria?

LEONOR.....- Não falta por aí quem deite mau olhado a quem lhes dá a salvação.

GUIOMAR.....- Ora, Leonor!

LEONOR.....- (benzendo-se) Jesus de "azaré! Nove dias, nove dias, senhora, andou, assim, doente, a filha de Simão Caldeira sem que lhe atinassem com o mal! Era uma dor de cabeça! Era uma dor de cabeça! E a pobre da menina começa a definhar, a definhar, a olhos vistos, e acabaria por dar a alma ao Criador se lhe não acode a Violante do Vaz.

GUIOMAR.....- Mas por que havia de alguém...

LEONOR.....- As mais honradas e virtuosas maiores invejas despertam e a maiores despeitos dão aso!

BEATRIZ.....- Sempre.

GUIOMAR.....- Sempre a virtude foi motivo de cobiça para os maus que, não podendo alcançá-la, a maldizem e difamam. Lá isso é verdade.

LEONOR.....- (sentenciosa) E a todo o custo tentam destruir. Por minha fé! O mal desta santinha é quebranto : mau olhado! Para mais, sabendo a Vila inteira quanto ela é prendada de dons, de bens e de virtudes!

BEATRIZ.....- Louvado seja Deus!

GUIOMAR.....- (convencida) Bem. Pode, na verdade, ter acontecido!

LEONOR.....- Aconteceu, senhora! É mal que querem á nossa menina!

GUIOMAR.....- Mas...quem?

BEATRIZ.....- Tão perdido está o mundo...

LEONOR.....- Pior...cada vez pior!

CONSTANÇA...- (erguendo-se)

GUIOMAR.....- Onde vais tu, Constança?

CONSTANÇA...- Não me demoro, senhora!

GUIOMAR.....- Mas...sentes-te pior?

CONSTANÇA...- Não. Não. Volto já

SAI APRESSADA.

UMA PAUSA

GUIOMAR.....- Onde mora a Violante?

BEATRIZ.....- A do Vaz?

LEONOR.....- Na Vila.

UM SILÊNCIO

GUIOMAR.....- E onde?

BEATRIZ.....- Na rua do Fundo.

LEONOR.....- Ao pé do poço.

UM SILÊNCIO

GUIOMAR.....- Longe, não é?

BEATRIZ.....- De longe se faz perto!

LEONOR.....- Mas já correu o sino!

UM SILÊNCIO

GUIOMAR.....- Aqui por perto...

BEATRIZ.....- Quem saberá?

LEONOR.....- A tia Branca do Gil.

UM SILÊNCIO

GUIOMAR.....- E ela...

BEATRIZ.....- Se sabe?

LEONOR.....- Sabê.

UM SILÊNCIO

GUIOMAR.....- Leonor, tu és capaz...Sabes onde é?

BEATRIZ.....- Ao voltar da esquina pegada ao forno!

LEONOR.....- Eu vou lá.

LEONOR SAI

UM SILÊNCIO

BEATRIZ.....- (ergue-se)

GUIOMAR.....- Aonde vais tu, também?

BEATRIZ.....- Preparar as coisas. É preciso um prato. Pode ser este, senhora?

GUIOMAR.....- (levantando-se, também) Eu ajudo.

BEATRIZ.....- Deixe-se estar sentada. Não é preciso. Ora, um prato... com água. Já está. Usas pedrinhas de sal.

GUIOMAR.....- Há um saleiro dentro do armário.

BEATRIZ.....- Já vi. Falta o azeite. E será melhor acender outra candeia!

GUIOMAR.....- Está uma pendurada, ali, na chaminé.

BEATRIZ.....- Pois está. E tem azeite.

GUIOMAR.....- Chegará?

BEATRIZ.....- Uma gotinha bonda!

CONSTANÇA REGRESSA

GUIOMAR.....- Então, minha filha?

CONSTANÇA....- Este mal estar que não me larga!

BEATRIZ.....- É só um bocadinho mais!

CONSTANÇA....- Como sabes?

BEATRIZ.....- Sei.

CONSTANÇA....- Aonde foi a Leonor? Pareceu-me ouvir bater a porta da rua?

BEATRIZ.....- Ela não se demora!

GUIOMAR.....- Foi aqui ao lado: a casa da vizinha Branca do Gil.

CONSTANÇA....- Mas...já é noite!

BEATRIZ.....- Não lhe dê cuidados, menina!

UMA PAUSA

OUVE-SE BATER UMA PORTA

BEATRIZ.....- Aí vêm já elas!

CONSTANÇA....- Elas? - Leonor e quem mais?

GUIOMAR.....- A tia Branca do Gil. Vem benzer-te.

CONSTANÇA....- Mas...

BEATRIZ.....- Todo esse mal estar é mau olhado. Quebranto. Alguém que lhe quer mal e lh'o botou.

CONSTANÇA...- J como pode...

BEATRIZ.....- Não diga nada, menina. Por quem é!

GUIOMAR.....- Não se fôr, ela t'á há-de tirar

ENTRAM LEONOR E BRANCA

BRANCA.....- A senhora dá licença?

GUIOMAR.....- Entre, tia Branca.

BRANCA.....- Cum sua licença! Louvêdo seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

TODAS.....- Nossa Mãe, Maria Santissima.

GUIOMAR.....- Há-de desculpar, tê-la incomodado mas...

BRANCA.....- É Lianor contou-me. É a menina num é? Mas as almas boas escápin ás malhas do Tecém. (bençoendo-se) P'arranegue, Barzabú.

BEATRIZ.....- Está tudo aqui, tia Branca.

BRANCA.....- Pous sim, Beatriz. Dá-me o práte c'a auga. É tu, Lianor, chega-m'a aqui a quindêa.

SEGURANDO O PREGO COM A MÃO
ESQUERDA JUNTO À CABEÇA DE
CONSTANÇA, INICIA O RITUAL.
UM SILÊNCIO RELIGIOSO.

BRANCA.....- (convidando a rezar) Créde!

TODAS.....- (quãse em súccina) Creio em Deus Padre, todo poderoso, criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, seu único filho, Nosso Senhor...

A PARTIR DESSE MOMENTO E
QUANTO DURAR A REZA DO
CREDO, BRANCA VAI FAZENDO
REPRÉSENTAS CRUZES SOBRE O
PREGO COM A ÁGUA:
MANTENDO A ORAÇÃO...

BRANCA.....- Constança Denis!

(Constança Denis!)

Dês te dê, Dês te criou!

(Deus te deu, Deus te criou!)

Dês te livre de quem mal p'ra ti oulhou!

(Deus te livre de quem mal para ti olhou)

Im nome do Padre, do Filho e do Espir'ite Sante.

(Im nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo).

TODAS.....- Amen.

BRANCA.....- Uma pessoa te dê cobrante

(Uma pessoa te deu quebranto)

Três pessoas to nam-de tiré.

(Três pessoas t'o não-de tirar)

São as pessoas da Santíssima Trindéde

(São as pessoas da Santissima Trindade)

Padre, Filho e Espir'ite Sante.

(Padre, Filho e Espirito Santo)

TODAS.....- Amen.

BRANCA.....- Nossa Senhora do Prante

(Nossa Senhora do Pranto)

Te livre deste cobrante.

(Te livre deste quebranto)

Im nome do Padre, do Filho e do Espir'ito Sante.

(Im nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo)

TODAS.....- Amen.

BRANCA.....- (sempre ritual, mergulha o dedo mindinho da mão direi-
tá no azeite da candeia e deixa cair umas gotas no
prato com água)

L. OMOR.....- (espreitando) Vêde: qua disse eu?

GUIOMAR.....- (mesmo movimento) Quebranto!

BOATRIZ.....- (mesmo movimento) Grande!

LEONOR.....- Olhai como as gotas do azeite se espalham na água e
logo se desfazem!

BRANCA.....- (continuando a fazer cruzes sobre o prato)
 S'ê da barriga
 tir'-to Santa Maria .
 S'ê do corpe
 tir'-to o Senhô Sôrte.
 S'ê dos braços
 tir'-to o Senhô los Passes.
 S'ê do pête
 tir'-to o Senhô do Bôrce.
 S'ê do lado
 tir'-to o Senhô Crucifiquêde.
 S'ê das pernas
 tir'-to Santa Mari Balaanela .

REZA DO BENEFICIO, SENDO AGUADA
 NA CRUZ, COM O PRATO DA ÁGUA,
 NA FRONTE DE CONSTANÇA .
 DEPOIS ATIRA A ÁGUA PARA O LUME.

BRANCA.....- O sal!
 LEONOR.....- Está aqui.
 BRANCA.....- (atirando uns grãos de sal para o lume) Assim 'stourim
 os olhos e quim mal p'ra ti oulhou (benzendo-se) Im
 nome do Padre , do Filho e do Espír'ite Santê.
 PODAS.....- Amen.

UMA PAUSA DURANTE A QUAL SE
 OUVI O TITAR O SAL NAS BRASAS.

LEONOR.....- (suspirando) Pronto! Está livre, menina!
 CONSTANÇA...- Se o mal era esse...
 BRANCA.....- A senhõra manda más alguma cousa?
 GUIOMAR.....- Fico-lhe muito agradecida, tia Branca.
 BRANCA.....- Tive munte gôst'ia survi-la mai-L'a prindêda donzela,
 vossa subrinha.
 GUIOMAR.....- Beatriz, acompanha a tia Branca.

BRANCA.....- Num s'incómede, senhõra.

GUIOMAR.....- Olha, Beatriz: dá-lhe naa medidinha de grãos e ou ra de feijão.

BRANCA.....- Seja p'las bnditas almas do Prugatóre

GUIOMAR.....- Seja! Beatriz, espera! Dá-lhe também um ou dois queijinhos p'ra conduto.

BEATRIZ.....- (executa)

BRANCA.....- Atã...cum sua l'cença...

GUIOMAR.....- Boa noite, tia Branca.

BRANCA.....- A méama lhes dê Dés!

LEONOR.....- Boa noite!

BRANCA SAI COM BEATRIZ.

UM BREVE SILÊNCIO.

GUIOMAR.....- O...vão sendo horas de recolher. Vamos, Constança?

LEONOR.....- Já está melhorzinha, não é verdade?

GUIOMAR.....- Graças ao Altissimo! (despedem-se) Uma noite descansada, minha filha.

LEONOR.....- Santas noites, menina!

CONSTANÇA....- As mesmas.

GUIOMAR E LEONOR ABANDONAM

A COMIDA.

CONSTANÇA....- (só, ergue-se mas logo vacila. Tem um vômito e como numa tontura, cai arrastando consigo a cadeira a qual se a - roçara)

★

CAPITULO IV

SOALHEIRA

"...Para aqueles tempos de ignorância e fanatismo uma semelhante fraqueza, convertia-se num execrável delito que a opinião pública fulminava, as leis rigorosamente puniam e a sociedade perseguia desapiedada - mente, sem lre levar em conta circunstância alguma que a atenuasse e diminuísse... " ".....a maldição de toda a família, qua havia coberto de opróbio e infâmia, o abandono dos amigos e companheiros, que com o seu pecado havia ofendido, e o desprezo e censura geral, que por este escândalo havia merecido....."

Dr. Motta e Moura
(Memória da Vila de Nisa)

★

Por razões que se perdem nos reconditos de uma história nevoenta de brumas e de espaços vazios, havia, por toda a

Vila, lugares que velhos e novos e até crianças transformaram em locais de encontro obrigatório. Seria porque, ali, nas tardes soalheiras, o sol de inverno tinha sempre um pouco mais de calor?

O Santo Menino, a Santa Luzia e os Postigos eram alguns desses lugares.

★

- MARIANA.....- É! Jula! Tu importas-te de chegar um bocadinho para lá?
- JULIA.....- Eu chegue, sim senhora.
- ZULMIRA.....- Já lhe fuge o sol, tá Mariena.
- MARIANA.....- Ai, filha! É a idade!
- JULIA.....- Qual idade, senhora! Deixe lá os anos p'ra trás e diga lá. Vá. Diga lá : está-se aqui melhor ou não está?
- MARIANA.....- Lá isso...
- JULIA.....- E ainda Vossemecê me vinha cá a falar em ir para a Covinha do Armo.
- ZULMIRA.....- Para a Covinha do Armo? Ai, credo! Tão longe!
- MARIANA.....- Ora, Zulmira, a minha mãe, que Deus haja, nunca teve outra soalheira e eu avezei-me o ouvir falar nelá, de modos que...
- ZULMIRA.....- Deixe lá, ta Mariena! Aqui não se está mal e estamos mesmo em frente dos muros da Vila. Está sempre a passar gente!
- MARIANA.....- Pois é. (olhando em volta) Isto aqui são os Postigos, pois são?
- ZULMIRA.....- Então a ta Mariena não sabe uma coisa que...
- MARIANA.....- Tu esqueces, cachopa! Tu esqueces que eu nasci e fiz toda a minha vida na Devezal! Minha mãe, Deus lhe perdoe, é que era da Vila. Olha. Nasceu ali p'ra rua das Adegas, sabes onde é?
- ZULMIRA.....- Então não sei? Eu morei na rua do Engenho. Já vê.
- MARIANA.....- Pois, como estava dizendo, eu nasci e fiz toda a minha vida na Devezal, agora é que a minha sobrinha Jula me fez sair de minha casa.
- ZULMIRA.....- E fez ela muitissimo de bem. E vossemecê também fez bem em vir, ta Mariena. Sôzinha, lá tão longe dos seus. Sempre está mais amparada em casa da Jula.

UMA BREVE PAUSA

- ZULMIRA.....- Vossemecê é então da Devezal! E o que me diz do escândalo, ta Mariena? Foi lá para os seus lados, não foi?

- MARIANA.....- Não digo nada, cachopa! Tu cá não diga nada. E Deus me defenda! Mas também não sei da razão porque o perguntas se em toda a Vila não se fala de outra coisa.
- JULIA.....- Fala e com razão. Se alguma vez se viu uma coisa assim. Fizeram umas festas tão grandes, a princípio, e para quê?
- ZULMIRA.....- Não dizem que não há fome que não dê em fartura? Então, se bem calha, também não há fartura que não dê em barriga cheia.
- Julia.....- Lá estás tu, já!
- ZULMIRA.....- Pois certo! Já lá diz o outro "vale más sé ca té".
- MARIANA.....- Se não haviam de vir as sentenças!
- ZULMIRA.....- E estão cá muito de bem! Pior estará aquela que ele desgraçou!
- JULIA.....- Também não deixa de ser bem feito. Ela não sabia com quem se metia? Não sabe toda a gente que a estôpa ao pé do lume... É primo. É primo, pois é. É primo mas também é padre. Rico exemplo, não restam dúvidas!
- ZULMIRA.....- Lindo! (beija as pontas dos dedos da mão direita) Muito lindo! P'ra quem tem filhas donzelas, isso então, nem se fala.
- JULIA.....- Pois. Mas o pior ainda é que...
- MARIANA.....- Callem-se lá um bocadinho, pode ser? (noutro tom) Ele não é o Batlemê da Cruz que além vem?
- JULIA.....- (espreitando) Ele é, sim senhora. É o ti Batlemê.
- ZULMIRA.....- Ainda é teu parente, não é Julia?
- JULIA.....- (displícite) É... é como quem diz! Pouc mé mas inda mé!
- ZULMIRA.....- Não é assim tão pouco. As vossas bisavós tratavam-se por parentas. O que eu não sabia é que ele morava p'rá qui.
- ZULMIRA.....- E não mora, ta Mariana!
- MARIANA.....- Ai, não?
- ZULMIRA.....- Não, senhora; ele tem umas casinhas ali p'ros lados da Fonte Nova d'El-Rei.

UM BREVE SILÊNCIO

- MARIANA.....- Está velho, o Matlemê.
- ZULMIRA.....- Que idade há-de ele ter já, tá Mariena?
- MARIANA.....- Eu não sei ao certo, cacopoa! Mas, deixa lá ver! Pelas minhas contas ele há-de ter...ele há-de ter p'rái...
três vezes vinte e mais seis ou sete.
- JULIA.....- Não admira que esteja velho!
- MARIANA.....- Aquela mal todo não é de idade. Foi dum tombo. Já não é dos vossos tempos, mas foi. Andavam, numa tarde, a limpar umas tapadas de sovro e ele caía para lá. Ficou todo desmarzelado! Trouxeram-no numa carreta e da ante toda a viagem esteve como morto.
- ZULMIRA.....- Ai, crêdo!
- MARIANA.....- Já em casa dos amos, ontenderam-no num esquenha e fora a ver tinha um os_arrão na barriga que cubia lá o br_ço dum homem.
- ZULMIRA.....- E depois, tá Mariena?
- MARIANA.....- Depois, levaram-no p'r_í. Mas' recórda a só fim duns tempos...tinha pulado o barranco.
- JULIA.....- Mas a mazela ficou!
- MARIANA.....- É verdade. Ela está muito acabado.
- JULIA.....- Também há-de ser do desgosto!
- ZULMIRA.....- C'ais desgosto?
- JULIA.....- Dé! Então tu esqueces que o ti Matlemê toda a vida serviu em casa dos Denises!
- ZULMIRA.....- Toda a vida?
- JULIA.....- Isso sei eu! Até a Dona Guiomar Denis morrer (a mãe do Padre) ele foi criado lá. Depois, o viúvo, o Dom Álvaro, parece que ainda quis que ele continuasse mas ele que...já não tinha compreição....que o trabalho era muito, que ali fazia falta era gente nova! E despediu-se.
- ZULMIRA.....- (ri à gargalhada)
- JULIA.....- Do que estás tu a rir?
- ZULMIRA.....- Da gente nova! Ele disse mesmo isso? Ai, Jula, então essa não é mesmo de rir? Essa da gente nova foi mesmo a calhar. E eles fizeram-lhe a vontade! (ri)

JULIA.....- (rindo também) Sem tardanças! A gente nova não tarda aí.
 MARIANA.....- É! Vocês aí! Calou .

UM SILÊNCIO

BARTOLOMEU VAI CRUZAR A CENA

MARIANA.....- Dá , ao menos, a salvação, Bartlemê da Cruz!
 BARTOLOMEU..- Ham! Ah! És tu Mariena. Deus vos salve, cachopas!
 ZULMIRA.....- Deus o salve, ti Bartlemê!
 BARTOLOMEU..- (junto do grupo) Olha a Mariena! Mas, ainda que eu mal
 precure, que fazes tu por estes sitios? Mudaste para a
 Vila?
 JULIA.....- Mudou, sim senhõra! Está em minha casa.
 BARTOLOMEU..- Pois certo! Pois certo! Tu és sobrinha da Mariena, do
 lado do teu pai.
 MARIANA.....- Chega-te p'ro sol, homem!
 BARTOLOMEU..- Olha a Mariena! Matava bem longe de te encontrar aqui!
 ZULMIRA.....- A gente está sempre longe de muita coisa, ti Bartlemê!
 Depois elas acontecem mesmo diante dos nossos olhos.
 BARTOLOMEU..- Toda a vida se ouviu dizer que debaixo dos pés se ale-
 vantam os trabalhos.
 JULIA.....- É que trabalhos! Que trabalhos, ti Bartlemê.
 BARTOLOMEU..- Então, Jula, aconteceu-te alguma coisa?
 JULIA.....- A mim? Não, senhõra!
 BARTOLOMEU..- Ó cachopa, fizeste assim um espanto tão grande! E eu
 vi-te com uma cara, a modos que, inflieða...cuidei que...
 JULIA.....- E se calhar não é caso de fazer espanto! Não há memó-
 ria, senhores! Não há memória!
 BARTOLOMEU..- Mas...
 ZULMIRA.....- Não se faça de novas, homem de Deus. Não há cão nem
 gato, por essa Nisa afora que não fale. E com razão.
 JULIA.....- Um homem daqueles! E um pecado tão grande!
 BARTOLOMEU..- Pecadores, todos nós somos. Mas olhem que nunca um
 Adão pecou que não tivesse uma Eva, a seu lado
 ZULMIRA.....- Dé! Já cá faltava essa! Mas são sempre uns santos. Mas
 é que são as perdedoras.

- JULIA.....- Não esteja a querer defender quem não tem defesa!
- BARTOLOMEU..- Não estou a defender ninguém, mulher!
- JULIA.....- Está. Está e a gente sabe a razão. A gente sabe.
- BARTOLOMEU..- O que é que se passa na Vila inteira que vocês não saíam? Até parece mentira, mas é verdade. Aqui, assentadinhas, a fazerem meia, abrigadinhos do vento norte e do suão, espreitando o sol, vocês sabem tudo. Tudo. Até aquilo que se passa, portas adentro, da casa de cada um.
- JULIA.....- Pois é.
- ZULMIRA.....- Quando o desafôro não se pode esconder, ele tem de vir para a luz do dia, e nessa hora, quem ainda não sabia, fica a saber.
- BARTOLOMEU..- Horas negras!
- ZULMIRA.....- Pois sim, ti Batlemê.
- JULIA.....- Agora é que são as horas negras. Dantes, não eram! Podiam lá ser! Com toda aquela abastança, o que é que se esperava? Não bastavam os bens da casa, que avondavam, ainda mais os da Matriz! Ai, ai! Corpo bem comido e bem bem bebido e folgado...quer retouça!
- ZULMIRA.....- É agora?
- JULIA.....- Agora? Então não ouviste o ti Batlemê? Agora...horas negras!
- BARTOLOMEU..- Tentações do demo.
- JULIA.....- Isso! Agora chamem-lhe nomes! Poucas vergonhas, senhor! Poucas vergonhas!
- BARTOLOMEU..- É quem somos nós, cachopa, para atirar pedras? Sabe Deus dos remorsos que não terá sentido, já, o desinfeliz.
- JULIA.....- Depois da barriga cheia!
- BARTOLOMEU..- Só Deus, que está lá em cima, saberá do desgosto e das lágrimas que ele não terá já chorado. Ele e a família!
- ZULMIRA.....- É a prima!
- BARTOLOMEU..- Todos!
- JULIA.....- As lágrimas enxugam-se depressa! Fara mais são ricos!
- BARTOLOMEU..- É honrados. É sérios. É respeitadores.
- ZULMIRA.....- Está tudo á vista.

BARTOLOMEU...- É amigos do seu amigo. O pai, homem mais sério... e a pobre mãe...

ZULMIRA.....- E ele? Um sacerdote do Altíssimo!

JULIA.....- Que o ouvia falar do púlpito para baixo...

BARTOLOMEU...- É o cabo dos infernos!

ZULMIRA.....- Pois é. Mas quem fica no inferno é a outra : com uma criança na barriga.

JULIA.....- É filha da padre!

MARIANA.....- Ai, credo! Vocês, também...

BARTOLOMEU...- (A JULIA) Cala-te, cobra ruim. Venenosa que botas a pçonha em tudo o que tocas.

JULIA.....- Hale-se, ti Bartlemê! Hale-se.

ZULMIRA.....- Tem de ir pregar para out o lado! Por aqui já bondam os sermões que cairam do púlpito da Matriz.

BARTOLOMEU...- Almas danadas!

MARIANA.....- Vai á tua vida, Bartlemê da Cruz! Vai á tua vida! Já sabes que...

BARTOLOMEU...- Sei, Mariana, sei. Mas vocês todas ouvem e todas dão o amén.

JULIA.....- É por que não houvera de dar? Só porque ele é filho do seu antigo amo?

ZULMIRA.....- Então, vossemecê, ainda quer maior vergonha p'rá Vila inteira? Toda a gente escandalizada, todo o povo revoltado e só vossemecê é que o está a defender?

BARTOLOMEU...- Eu não defendo, nem condeno

JULIA.....- Uma mó, ao pescoço, é que ele precisava e atirado ao poço da rua de Fundo. Não! Antes atirado ao poço do Lança, que não tem fundo, e sempre fica mais longe.

ZULMIRA.....- Isso ainda não era castigo para tão grande pecado! Apedrejado! Apedrejado é que era, como se faz ao cão tihoso. Correr com ele, á pedra, para a tapada da Fôrca, mas ir a Vila inteira, o povo todo, atrás,...

JULIA.....- e a começar nos homens, que vem deles o exemplo!

BARTOLOMEU...- Ele terá o seu castigo. A Providência, lá de cima...

ZULMIRA.....- E os homens cá de baixo. Ainda temos juizes e um pelourinho, ali, na Praça.

JULIA.....- E, se quem tem obrigação de fazer justiça a não fizer, pode bem ser que apareça quem a faça.

OUVE-SE UM SINO TOCAR A REBATE
EXPECTATIVA E ALVOROÇO

MARIANA.....- Já trindades?

BARTOLOMEU...- (tirando o chapéu) Ainda me parece o sol tão alto...

ZULMIRA.....- O'ais trindades! É o sino da Matriz, mas o toque...

JULIA.....- É a rebate.

EXPECTATIVA E ALVOROÇO CRESC
CONTES.

RUIDOS DE MULTIDÃO, LÁ FORA.

JULIA.....- (vai ao lado e espreita) Nossa Senhora da Graça! Chega aqui, Zulmira. Depressa! Olha, além! Tanta gente a correr rua acima!

ZULMIRA.....- Que se estará passando?

JULIA.....- E eu sei?

BARTOLOMEU...- Ora aí está u-a coisa que vocês não sabem!

ZULMIRA.....- Mais gente. Olha! (excitada) Olha, olha! Não é o teu Francisco?

JULIA.....- Dê! O meu homem?

ZULMIRA.....- O teu homem, pois. Aquelle que vai ,além, do lado da pa rede, com o braço levantado e a garruça na mão?

JULIA.....- Pois é. (gritando para fora) Francisq... É, Francisq...

FRANCISCO...- (de fora) Anda daí, mulher! Jula! Anda daí, depressa.

JULIA.....- (sempre, gritando para fora) Aonde? Aonde é que vai es sa familia toda?

FRANCISCO...- (ainda de fora) Vamos ali a cima: á Matriz. Anda!

ZULMIRA.....- O que disse ele? Vão aonde?

JULIA.....- Á Matriz. (para fora) Francisq... -spera. -spera por mim, Francisq...

FRANCISCO...- (afastando-se) Depressa. Venham todas! Depressa.

JULIA.....- Tu ouviste, Zulmira. Vamos. Vamos.

ZULMIRA.....- É a Matriz, não é? Então vamos. Vamos já. (a MARIANA)
Venha daí também tá Mariana! Não ouviu o seu sobrinho
gritar para irmos todos?

MARIANA.....- Lá ouvir, ouvi. Mas não percebi lá muito bem aonde?

JULIA.....- À Matriz! Vai tudo a correr para lá.

BARTOLOMEU...- (pensativo) À Matriz?

ZULMIRA.....- (arrumando as suas coisas) Vamos, Julia! Avia-te. Vai
ali já a Vila inteira!

ZULMIRA SAI

JULIA.....- (acabando de arrumar-se) Adeus, tia.

MARIANA.....- Tu achas que eu vaja?

JULIA.....- Despache-se, senhora!

MARIANA.....- Adeus, Bartlemê da Cruz.

MARIANA SAI QUASE AR-
RASTADA POR JULIA

BARTOLOMEU...- (só e depois saindo, lentamente) Aconteceu. O povo per-
deu a cabeça. Que terá acontecido ao povo ordeiro e
pacífico desta Terra? Nos, a Senhora da Graça nos va-
lha : éla que é nossa Mãe e tudo pode! - que Deus nos
perdoe, já que os homens não sabem perdoar.

★

CAPITULO V

EREMITA

"...e se recolheu à casa de Nossa Senho-"
" ra da Graça e ali gastou o restante de"
" sua vida, em devota e profunda oração, "
" de dia e de noite, na presença de Nossa"
" Senhora da Graça, derramando sempre ri-"
" os de lágrimas dos seus olhos, até fa- "
" zer covas nos tijolos da continuação "
" de estar neles de joelhos e nos de um "
" poial de encostar, onde encostava os "
" cotovelos quando cansava...
"...foi muito perseguido pelo demônio "
" que sentido da santa vida que observa-"
" va, lhe fazia grande guerra aparecendo-"
" -lhe em horrendas figuras..."

Frei Agostinho de Santa Maria
(Santuário Mariano)

★

De inverno, as noites, na serra, são me-
donhas. Como um chicote nas mãos de um
vento infrene, a chuva fustiga e açoita,
sem piedade, cômoros e vales. À luz dos
relâmpagos, o perfil das árvores desgre-

nhadas projecta sombras assustadoras e
disformes. . . só, de longe em longe, débil
sinal de vida ante uma Natureza em fúria
o uivar do lobo corre, de quebrada em que-
brada, como que fugindo ao ribombar es-
tentório dos trovões.

Depois vem o silêncio, o mêdo, a assom-
bração.

★

FREI ADÃO....- Ohorme foi o meu pecado!

II DEMÓNIO...- (surgindo por detrás do I) Aquela a que p'fendeste, não dizem que é bom e misericordioso?

FREI ADÃO....- Por isso, maior se torna a minha culpa. Mais do que os outros, eu devia amá-lo e servi-lo porque, p'ra mim, ELE foi mais generoso e amigo.

I DEMÓNIO....- Quanto maior a amizade, mais fácil o perdão!

FREI ADÃO....- Mais hedionda a ofensa!

II DEMÓNIO...- Qual ofensa? Já expiaste e de que maneira! Já pagaste, se algo devias! Que amigo pede contas de dívidas saldadas?

FREI ADÃO....- É tu quem és? É branda e sedutora a tua voz. Desprende-se dela um apêlo a que não é fácil resistir. Serás, por ventura...

III DEMÓNIO...- (como que saindo dos outros dois) Sim. Sou esse mesmo. Vem. Lá fora, o vento sopra cada vez mais forte e a noite é mais inóspita! Vem. Tenho uma casa hospitaleira á tua espera, com um lume suave, que crepita, numa lareira acolhedora.

FREI ADÃO....- Lume?

I DEMÓNIO....- Claro! Lume! Aquecer-te-ão enquanto te preparo uma bebida quente e os meus criados ajuntam a mesa para o jantar!

FREI ADÃO....- Tens criados?

III DEMÓNIO...- Muitos! Muitos criados que nos aguardam, já, junto de uma mesa farta de iguarias dignas de ti, porque as ervas com que te delicias são o alimento próprio dos meus gados!

I DEMÓNIO....- Vem. Depois descansarás. Como pode o teu corpo, tão martirizado, encontrar repouso na terra fria em que te deitas?

II DEMÓNIO...- Vem. Vem. Vem! Tenho um aposento confortável, onde te espera uma cama!

FREI ADÃO....- Uma cama! Já quanto tempo...

IV DEMÓNIO...- (surgindo, como os outros) Há a cama, sim. Um colchão de penas com lençóis de linho perfumado! Roupas brancas em que o sol, depois de as ter corado, deixou ainda um pouco de calor!

FREI ADÃO....- Por que me falas em calor, numa noite tão fria?

IV DEMÓNIO....- Calor! Calor de um lume crepitante, calor de um jantar bem condimentado, calor de uma bebida confortante, calor de uma cama aconchegada, calor de uns braços amigos que te esperam!

FREI ADÃO....- Que braços? Que amigos?

V DEMÓNIO....- (surgindo, como os outros) Os meus braços! Vês como são quentes e macios? Vês como te amparam e acarinham? Nas noites gélidas, como esta, de inverno, que coisa pode haver mais triste do que não ter, ao lado, o abraço amigo, que nos assiste, e o calor do corpo desejado, que nos conforta!

III DEMÓNIO...- É do que tu mais precisas é de conforto!

IV DEMÓNIO...- É do que tu mais precisas é de amigos!

FREI ADÃO....- Já não tenho amigos!

V DEMÓNIO....- Quem disse? Tens. Muitos amigos! Mais do que alguma vez sonhaste! Aqui estou eu! E eu sou, apenas, um!

II DEMÓNIO...- E tu terás quantos quiseres!

III DEMÓNIO...- Basta que levantes um dedo e mil braços te envolverão em mil carícias de ternura e de volúpia!

IV DEMÓNIO...- Aqui estou eu com o meu corpo quente.

FREI ADÃO....- Um corpo quente foi o meu pecado!

V DEMÓNIO....- Uma falta humana que já todos perdoaram e esqueceram!

FREI ADÃO....- É o meu Senhor, contra quem pequei?

III DEMÓNIO...- Não é esse o todo Misericórdia e Perdão? Não te perdoou já?

IV DEMÓNIO...- Não se manifestou SL, já, pelo voz do Povo, que evoca o teu nome, de mãos postas?

V DEMÓNIO....- Não fala o Povo de ti, como quem fala de um filho muito amado?

II DEMÓNIO...- Não está a Vila inteira, de tal modo horrorizada com a vida austera de sacrifício, de penitência e de renúncia que as lágrimas lhe saltam dos olhos só de lembrar a serra matagosa e êrma, onde vivias, entre animais selvagens, como se um deles fosses?

FREI ADÃO....- Para tão grande pecado, só tamanha penitência!

VI DEMÓNIO...- (surgindo, como os outros) Como podes pensar, ainda, em penitências, depois de tudo o que já sofreste? O depois tão grande foi o teu arrependimento, tão nobre a tua renúncia, tão sublime a tua resignação que, de grande peccador, que te confessavas, os próprios homens te fizeram santo!

FREI ADÃO....- Mesquinho penitente!

II DEMÓNIO...- Pergunta a todos esses que, ainda antes do sol raiar, vêm já, caminhos fora, para estarem junto de ti, na hora das matinas!

IV DEMÓNIO...- Bebendo as palavras que lhes diriges!

V DEMÓNIO....- Beijando as mãos com que os tocas!

VI DEMÓNIO...- Invocando o teu auxilio para seus males!

FREI ADÃO....- Ai, de mim! Pobre de mim!

VII DEMÓNIO...- (surgindo, como os outros) Tanta humildade é já soberba!

VI DEMÓNIO...- Tanta modéstia é já vaidade!

VII DEMÓNIO...- Ou será que o orgulho é o teu novo peccado?

VI DEMÓNIO....- E onde é que o orgulho foi, alguma vez, peccado?

VII DEMÓNIO...- Foste rico, muito rico, e que coisa há, nesta vida, mais confortante do que a riqueza?

II DEMÓNIO...- Foste jovem, e sedutor, e que coisa há, nesta vida, mais apetecida do que a juventude?

III DEMÓNIO...- Foste nobre e respeitado, e que coisa há, nesta vida, mais digna do que a nobreza?

IV DEMÓNIO...- Amaste uma mulher, e que coisa há, nesta vida, mais bella do que o amor?

V DEMÓNIO....- Com amor e com paixão geraste um filho, e que coisa há, nesta vida, mais sublime do que um filho?

I DEMÓNIO....- Se tudo isto foi um crime ou um peccado...então o mundo está louco!

A PAROCHIA DE JUI,

ENTRA SE UM NIPO SEMPRE CRIS-

ANTE, NÉ MINGIA O DALÍRIO

DEMÓNIOS.....- (de mãos dadas dançam de roda, envolvendo FREI ADÃO)

Se tudo isto foi um crime ou um pecado....

então o mundo está louco!

Mas se o não foi...

(ritmado) Se o não foi, nem está esquecido,

se o Mundo não está louco,

e se nada está perdido!

Se o viver é sempre pouco

para o que é apetecido!

Se é tão belo o viver

e se o que é bom está lá fora,

então rasga, nesta hora,

a veste de saragoça,

áspera e grossa,

já meio róta e puída!

Sai desta toca imunda,

triste e funda,

onde vives,

onde estás,

munda o pecado às urtigas!

FREI ADÃO.....- Vade retro, Satanás!

I DEMÓNIO.....- Deixa esta toca,

onde um homem

não é homem

mas um bicho!

TODOS.....- Tu és bicho!

És um bicho!

I DEMÓNIO.....- Burro velho.

II DEMÓNIO...- Cabra tonta!

III DEMÓNIO...- Vacu prenha!

IV DEMÓNIO...- Cão sarnoso!

V DEMÓNIO...- Gato bravo!

VI DEMÓNIO...- Loba cõxa!

VII DEMÓNIO...- Porco sujo!

I DEMÓNIO.....- Boi feioso!

- FREI ADÃO....- Ó, demónio,
vai-te embora!
Vai-te embora,
tentação!
- II DEMÓNIO...- Dá-me cá a tua mão!
- TODOS.....- Sem demora,
sem demora!
- VI DEMÓNIO...- A vida entá é tua espera e o novo dia vem perto!
- I DEMÓNIO....- É lá fora que a riqueza te espera!
- II DEMÓNIO...- É lá fora que a beleza desvanece!
- III DEMÓNIO...- É lá fora que o amor tem mais calor!
- IV DEMÓNIO...- É lá fora que a glória tem valor!
- FREI ADÃO....- Vai-te embora, inimigo!
- V DEMÓNIO....- Vou-me embora e também tu
hás-de ir, á força, comigo,
p'rás profundas do inferno,
p'rdarderes no fogo eterno,
no reino de Belzebú.
- VI DEMÓNIO...- De nada serve rezar
para o muito que pecaste.
É a virgem que desonraste?
É o filho que lhe fizeste?
É a mãe, que tu mataste,
com a desporto que lhe doste?
- VII DEMÓNIO...- E ainda esperas perdão?
Isso nunca. Isso não.
Filho de puta, cabrão,
odre aleivojo, cornudo,
santo de pau carunchoso,
patas de chibo, lanzudo.
- FREI ADÃO....- Vai-te de mim, Satanás.
- I DEMÓNIO....- Ves daí, velha carcaça!
- FREI ADÃO....- Nesta hora de tentação,
Valha-me a Senhora da Graça!

A BRANCA ATINGIU O DELÍRIO.
COM FREI ADÃO ENVOLVIDO PELA RODA
E SEMPRE SUPLICANDO A AJUDA DIVINA
ENQUANTO OS DEMONIOS, RETRADO
A CRUZANDO-O E PROCURANDO ARRASPÁ-
- LO, VÃO SAINDO DE CERRA, AL LORO
HAVIA ENTRADO.

FREI ADÃO....- (só, em cena, e ba por cair no local e na posição inicial
Continua a dormir. O vento acalmou, lá fora. A noite e a
tranquilidade continuam, depois, numa música suave que
vai subindo até encher a cena.)

★



CAPÍTULO VI

Omnia homo Adam, omnis homo Christus

"...assim esteve elle vivendo por nui-"
 " to tempo, até que vindo o bispo de "
 " Portalegre, que era então o sabio e "
 " virtuoso Frei Amador Arraes, visita "
 " d'esta villa, alguém o informou d'es- "
 " te raro e singular procedimento, e "
 " mandando-o logo vir á sua presença, "
 " e ouvindo-o de confissão, o absolveu, "
 " comutando-lhe o voto no serviço da "
 " capella de Nossa Senhora da Graça...

Dr. Motta e Moura

(Memória de Vila de Nisa)

★

"...lhe comutou o voto, e, que servis- "
 " se os seus próximos, dando-lhe por ra- "
 " zão que na casa de Nossa Senhora da "
 " Graça, onde recolhia muita gente em "
 " romagem, podia fazer a Nosso Senhor "
 " muitos maiores serviços.. "

Frei Agostinho de Santa Maria

(Santuário Marian o)

★

MÚSICA GREGORIANA QUE SERVIRÁ DE FUN-
DO A TODO ESTE CAPÍTULO.

SENHOR O BISPO COM SEU SÉQUITO : DOIS
FRADOS

- BISPO.....- (olhando o cenário) Para quê tanto aparato?
- F.ANTÓNIO...- É apenas uma colcha de Damasco, já bem gasta, por sinal, e a única que encontramos.
- BISPO.....- Não, mesmo assim, não será de mais?
- F.TOMÁS.....- Vós sois o representante de Cristo, na terra!
- BISPO.....- Mas Cristo nunca recebeu aqueles, que o procuraram, sentado em colchas de Damasco! Pelo menos que nós saibamos!
- F.ANTÓNIO...- Senhor Dom Frei Amador Amães, a pesar de tudo, Vós não podeis...
- BISPO.....- Eu quero ser apenas aquele Pastor de que fale o Evangelho. Aquelle Pastor que visita as suas ovelhas: aquelle Pastor que cuida das suas ovelhas. Pastor bonus! Mas, pastor pobre, como pobres são sempre os verdadeiros pastores. E, hoje, também eu quero ser um visitante pobre, como são todos os pobres que, nesta Vila, aourajam do sol a sol, durante sua vida inteira e chegam a seu fim mais pobres, ainda, do que eram dantes.
- F.TOMÁS.....- Assim é. Mas, mesmo pobres de pedir, não faltam predicatos e virtudes a este bom Povo. Será dos mais desfavorecidos mas o Senhor não o esquece.
- BISPO.....- Nele terá pensado o Senhor Jesus, para quem todo o Mundo é sempre presente, quando disse "olhai as aves do céu que não semeiam nem colhem..."
- F.TOMÁS.....- Que não tem, não colhe!
- F.ANTÓNIO...- Mas, no entanto, alguns há a quem não devia tanta riqueza ser concedida!
- BISPO.....- Grande é o abismo que separa uns dos outros, mas maior é o designio do Senhor! Na altura própria... Dominus providebit!

T. TOMÁS.....- A sua Providência é infinita! Mas, enquanto o Mando for Mando...

BISPO.....- Não queirais ser profeta, meu bom Frei Tomás! Triste, Nosso Senhor, para um Evangelho e nele se diz de quem é o Reino de Deus e quão difícil será, para alguns, a sua entrada nele. Principalmente quando estes últimos que referi, se esquecem ou titanicam os primeiros. Irais de ler de novo o Evangelho, meu bom Frei Tomás!

ENTRADA NA TORRE.

F. ANTONIO MAL E COMENDADOR.

F. ANTONIO...-O Comendador Gonzalo e o Cavaleiro Fernão Gonçalves!

BISPO.....- Fazei-os entrar!

ENTRADA DO COMENDADOR E DO CAVALEIRO FERNÃO GONÇALVES E O BISPO.

BISPO.....- Um que pode, e mais humilde servo dos servos de Deus, servir tão nobres cavaleiros de Cristo?

COMENDADOR...- Que nos seja permitido, Vossa Magestade, saudar, como mereço, o vosso tão insigne e virtuoso prelado. E, se se quiser, solicito que um requerimento de maior interesse para a nossa Comenda mereça os favores da Vossa Bondade!

BISPO.....- O vosso bispo é, apenas, como disse, um servo de Deus e, como servo que é, está aqui para servir o seu Senhor! Tendes um requerimento para me apresentar. É com certeza serviço de Deus e da Igreja! Dizei então.

COMENDADOR...- Senhor! As terras, chamadas de Vale d'Orden, que, como sabeis, pertencem aos bens da Comenda, estão a ser devastadas pelo Povo, sacramento pelas gentes que se espalham, e vivem, pelo Arrabalde e sítio de San Diego.

- CAVALHEIRO...- Devassadas, não sabemos se será a palavra certa. Na verdade, mais do que devassadas, aquelas terras estão a ser taladas, assoladas, diremos mesmo que destruídas a tal ponto que, de há tempos a esta parte, quase se transformaram em baldios!
- COMENDADOR...- Ora, Reverendíssimo, aquelas terras sempre foram úberes e férteis: terras ricas, como poucas, terras que a Comenda da Ordem de Cristo para si reservou desde o tempo de Dom Sancho Primeiro, Nosso Rei, quando, pela primeira vez, os colonos vindos do sul de França, aqui chegaram e se fixaram na nobre tarefa da povoamento.
- CAVALHEIRO...- Como bem sabeis, Reverendíssimo, data dos primeiros tempos de vida deste Reino, a entrega destas terras, então áridas, estérteis e abandonadas, aos colonos francos que, á sombra e ao abrigo da nossa Ordem, por aqui alotearam os terrenos, fazendo as suas quintas, e começaram a erguer as primeiras casas da Vila, á sombra do nosso Castelo. Pois, foi logo nesses remotos fins do século XII, aquando estas terras foram doadas, e em principios do século XIII, quando os colonos chegaram, pois - dizíamos - foi logo nessa altura que a Comenda da Ordem reservou para si as terras de Vale d'Ordem e, dando de tal facto conhecimento público, com o seu próprio nome as baptizou.
- COMENDADOR...- Últimamente, contudo, o Povo parece ter esquecido os direitos da Ordem e em cada dia que passa...
- BISPO.....- E que razão assiste a esta boa gente que, assim, devassa as terras da Ordem?
- CAVALHEIRO...- Nenhuma razão lhe assiste.
- BISPO.....- Nesse caso...
- COMENDADOR...- Por isso mesmo, ouamos apresentar a Vossa Reverendíssima, o requerimento para que advogueis a nossa causa, pois sabemos quanto será judiciosa a vossa decisão e de quanto serão bem ouvidas Vossas palavras. A Igreja de Cristo tem de estar ao lado da Ordem, na defesa dos seus interesses, tal como a Ordem sempre esteve a par da Igreja!

BISPO.....- Vós o dizeis!

COMENDADOR...- Não podem, Reverendissimo, as terras de Vale d'Ordem continuar a serem serventia pública, ou baldios, sempre que que alguém se lembra de proclamar que as águas da nova Fonte da Cruz são mais finas e saborosas do que as águas da velha Fonte d' D-Rei.

BISPO.....- (à parte para F. António) E não serão, Frei António?

F. ANTÓNIO...- (à parte para o Bispo) O Povo não costuma enganar-se!

F. TOMÁS.....- (censurando) Senhor Dom Frei Amador...

BISPO.....- (ao Comendador) Parece que, afinal, sempre há uma razão! (sentencioso) Senhor Comendador! Mais do que pelos bens da Ordem, que são muitos e, pelo que nos dizem, nem todos bem aproveitados, deve o Bispo zelar e pugnar se necessário, pelos seus fiéis. Mas, se é certo que mais importa curar das almas que dos corpos, não é justo nem menos certo, que os corpos se não aproveitem das riquezas que o Criador, generosamente, lhes oferece, fazendo brotar, do seio da terra, a água que mata a sede, e às vezes, até mata a fome.

COMENDADOR...- Mas, Reverendissimo...

BISPO.....- (impedindo-o de falar) Se bem julgo saber, foi a nova Fonte da Cruz mandar erguer por um Comendador da Ordem vosso antecessor,, e para servir o Povo. Estranho me parece, agora, que, poucos anos volvidos, um outro Comendador pretenda tirar ao Povo tal benfeitoria. Senhores Cavaleiros, não pode um Pastor, ainda que de almas, ajudar a impedir a serventia do seu rebanho às fontes que o devem dessedentar.

CAVALEIRO....- Não terá, assim, acolhimento junto de Vós, a nossa causa?

BISPO.....- Miserere mei Deus! Mas... não pode ser outra a nossa decisão.

U BREVÉ SILÊNCIO
OS VISITANTES TROCAM BREVES
PALAVRAS EM VOZ BAIXA.

BISPO.....- E em que mais pode servir-vos um pobre representante de Cristo?

COMENDADOR...- Grande foi Vossa bondade em receber-nos mas...se o permitis...retiramo-nos.

SAUDA-M O BISPO

DESPEDEM-SE E RETIRAM-SE

F.TOMÁS.....- Prouvera a Deus que não tivessem vindo!

BISPO.....- E porque não, meu bom Frei Tomás? Também eles não ovelhas do nosso redil, embora as julguem, por sua condição terrena, diferentes dos demais. Mas não são. Eles é que o julgam!

F.ANTÓNIO...- Julgam a afirmação. O Comendador foi bem explícito quando disse que a Igreja de Cristo tem de estar ao lado da Ordem, na defesa dos seus interesses, tal como a Ordem sempre esteve a par da Igreja!

BISPO.....- Mas, muitas vezes, a Ordem não é justa nem popular e, em tais ocasiões, não pode a Igreja estar com a Ordem. Atentemos neste caso. O que a Ordem pretende não é justo e, só quando toma sobre si a causa da justiça dos pobres, só então a Igreja se coloca no mais puro seguimento da doutrina de Jesus.

Pela nossa parte, tudo o que temos feito, tudo o que temos procurado fazer, é ser um verdadeiro apóstolo de Cristo, um verdadeiro apóstolo do Reino do Senhor!

F.ANTÓNIO...- E o Reino vai chegando a estas pobres terras que, em boa hora, Vos foram confiadas. Já, por toda a parte, começam a aparecer os sinais da Santa Fé.

BISPO.....- O grande, o verdadeiro sinal de que o Reino de Deus se aproxima é quando aos pobres se faz justiça e quando esses mesmos pobres são considerados e defendidos contra as prepotências alheias.

F.TOMÁS.....- Como sempre, tendes razão, Senhor. Aquilo que se pretendia fazer a este bom Povo, não era justo. Se a água é uma dádiva de Deus, se foi erguida uma fonte para o atendimento do Povo, como se há-de, agora, tirar tão grande bem ao Povo só para satisfazer as riquezas da Ordem?

BISPO.....- Estás a ver claro, meu bom Frei Tomás. Mas deixemos ou tas considerações que, embora vindas a propósito, nos parecem mais conformes em melhor ocasião.

(noutro tom) Quem mais aguarda atendimento?

F. ANTONIO...- O capelão Manuel Caldeira é os beneficiados Simão Bernardes, Francisco Semedo e Jerónimo Dias.

BISPO.....- Por certo teremos, desta vez, assuntos do nosso mister. Fazei-os entrar.

F. ANTONIO EXECUTA.

ENTRAM OS VICARIOS E

CONFRIMANTAM O BISPO..

BISPO.....- O vosso bispo é, desde esta hora, um ouvidor atento.

CAPELÃO.....- Reverendissimo Senhor! O assunto, que nos traz, não será, por ventura, aquele que esperáveis, mas ele nos pareceu tão urgente e momentoso que curámos de o trazer até Vós.

BISPO.....- Se é urgente e momentoso e o trazeis até Nós, acreditamos que, por força, ele interessa ao bem do Povo desta Vila, respeita a Igreja de Cristo e glorifica a Deus, Nosso Pai. Dizei.

CAPELÃO.....- Reverendissimo Senhor! Ainda em tempos do mui alto príncipe e Rei, Dom João Segundo, foi mandado que o vigário desta Vila seja residente nela. Mais foi mandado que, se o mesmo vigário se fôr dela embora, possa o Povo pôr outro à sua vontade, pois, se o primeiro se foi era porque não servia o Povo.

BISPO.....- Sábio e justo tal mandado, como outro não seria de esperar de tal preclaro Soberano. Continuai.

CAPELÃO.....- Acontece, Reverendissimo, que de há tempos a esta parte, se foi o vigário da Matriz deixando, assim, sem assistência e serviço os fiéis da dita freguesia.

BISPO.....- Censurável decisão.

CAPELÃO.....- Ora, acontece que, pretende o Povo prover, em seu lugar, e conforme sua vontade, um outro clérigo que, sendo residente, como determinado está, de certo cumprirá a contento.

BISPO.....- Auspiciosa sentença.

CAPELÃO.....- Falai vós, agora, beneficiado Simão Bernardes.

BISPO.....- Sim, sim. Falui.

BENEFICIADO.- Com permissão de Vossa Reverendíssima. Pois, aproveitando a veneranda presença de Vossa Reverendíssima nesta Vila, ouçamos colocar uma pequena pretensão ao Vosso douto entendimento, na esperança de que da Vossa virtuosa sabedoria possa chegar, até nós, a luz do Alto que ilumina o certo porque, bastas vezes, o Povo se deixa arrastar por...

BISPO.....- (interrompendo-o) Irmão beneficiado Simão Bernardes! Quando perguntaram, um dia, a Cristo, Senhor Nosso, se era lícito, ou não, pagar tributo a César, o Divino Mestre respondeu : "Dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus". Também Vós vindes apresentar-me uma questão que bem pode entender-se similar àquela que os fariseus puseram ao Salvador. Semelhante terá de ser, também, a minha resposta, que não hesito em dar, mesmo antes de a haverdes concretizado, porque a adivinho. Atendei, meus irmãos. Se o Povo, por sua soberana vontade, pode colocar outro ^{no} lugar d'ess'outro que o abandonou, então, deixai que seja o Povo, e só ele, a cuidar do que lhe convém, que ele, na sua grande sabedoria, saberá, melhor do que clérigos e bispos, o que verdadeiramente lhe convém.

CAPELÃO.....- Mas... nós...

BISPO.....- Vós, atendei vós às coisas que o Senhor vos confiou e das quais haveis, um dia, de prestar contas. Dai vós a Deus o que Deus determinou que seja Seu Serviço e deixai ao Povo o que o Povo tem como seu direito.

REVELANDO-SE, OS VISITANTES
ENTRAM-SE, AGUARDANDO AS PALAVRAS
DO BISPO.

- BISPO.....- E em que mais pode servir-Vos este vosso servo?
 CAPELÃO.....- Dando-nos a Vossa benção e permitindo, Reverendíssimo,
 que nos retiremos, em paz.
 BISPO.....- (abençoando-os) Benedictio Domini sit semper vobiscum.
 TODOS.....- Ámen.

SURPREENDIAM O BISPO E
RETRIAM-SE.

- F.TOMÁS.....- De quantas coisas mesquinhas os próprios clérigos se
 ocupam, quando mais proveitoso lhes seria servir a Deus
 com oração e devoção.
 BISPO.....- Cuidado, meu bom Frei Tomás! Cuidado com afirmações que,
 sendo verdadeiras, nem sempre serão as mais acertadas.
 F.TOMÁS.....- Mas, não é pela oração que chegaremos a Deus?
 BISPO.....- Será, com certeza. Mas o Deus vivo não é um Deus de
 rezas, de incensos, de ascetismos. O Deus vivo, que sem
 pre falou pela voz dos profetas e que incitou o seu pró-
 prio Filho pela salvação dos homens, não é, com certe-
 za, um Deus que com tão pouco se contente. O que mais
 agrada a Deus não são os sacrifícios e as orações mas,
 como já dizia o profeta Isaías, o "procurar o que é
 justo, socorrer os oprimidos, fazer justiça aos orfãos".
 Um pobre, um perseguido, é sempre um orfão.
 F.ANTÓNIO...- Perdoadi, Senhor, mas tenho, ainda, um visitante que im-
 plora audiência à Vossa Reverendíssima.
 BISPO.....- Também nobre ou clérigo?
 F.ANTÓNIO...- Pelo modo e pelo trajar mais parece um homem simples
 do povo.
 BISPO.....- Recebe-lo-ei. Que entre.

F. ARCANJO VAE ENTRAR O VISTANTE
QUE AJÓ LEA AOS PÍS DO BISPO

- BISPO.....- Levanta-te, meu filho, e diz que cuidados te trouxeãm até aos pés do teu Bispo?
- HOMEM.....- Os cuidados só são meus porque respeitam a todos nós, pobres pecadores.
- BISPO.....- Também eu sou pecador! Pelo que dizes, também a mim tais cuidados respeitam! Pois, fala.
- HOMEM.....- Senhor! A três léguas da Vila, voltada ao norte, levanta-se uma serrã õrma, inãspita e agreste, a quem o povo chama de San Miguel, por nela se haver edificado, no seu cume, uma pequena igreja devotada ao bandito Arcanjo. Lá, como disse a Vossa Reverendíssima, no lugar onde só os lobos, os javardos e outros animais selvagens se acoitam e em tal profusão se desenvolvem que não há ser vivo que por aqueles campos maninhos se afoite!
- BISPO.....- Jam horrenda e medonha deve ser!
- HOMEM.....- Pois saiba, Vossa Reverendíssima, se ninguém do caso ainda lhe deu noticia, que, ali, numa cabana de mato, coberta de colmo, vestindo apenas, um áspero manto de burel, e alimentando-se dos frutos que a Natureza dá, mesmo em terrenos incultos, ali, vive um pobre pecador, que há anos se martiriza, em penitência de falta grave, que, no verdor dos anos, cometeu.
- BISPO.....- Pela primeira vez o digo, meu filho. Mas, conta. Conta tudo o que entenderam! Infinita é a Misericórdia do Senhor para quem não há pecado que não tenha remissão. Conta.
- HOMEM.....- Pois, Senhor... Adão Dinis, assia é o seu nome secular, e Frei Adão Dinis porque é clérigo...

A MÚSICA SOBRE AO PRIMEIRO PLANO
BOM DIA A TODA
A CONTINUA ATÉ QUE...

....FUBO VOLTA A PRIMEIRO TEMPO.

HOMEM.....- ...e ali vive jejuando, continuamente, a pão e água e outro alimento, que raro toma, vem, de noite, pedi-lo à Vila. Se recolhe de mais, vai deixá-lo aos presos ou reparte-o com as viúvas mais precisadas. B, para que as esmolas, que lhe dão, não sejam de toda esmolas, traz sempre algum feixe de lenha, ou maravalhas, que deixa às portas dos velhos e dos enfermos que não a podem buscar. C, por fim, Reverendissimo, quando por mor de tanta privação e penitência, se sente abatido de forças e alento, é das ervas do campo que se alimenta, com a maior resignação e humildade. E, assim, fez voto de viver até ao último dos seus dias.

BISPO.....- Os anacoretas e os santos eremitas do deserto não são mais merecedores do que tão severo penitente.

HOMEM.....- Não atenteis na minha cusadia mas tendes de perdoar-lhe, Senhor! Tendes de libertá-lo de tão violento padecer!

BISPO.....- Tu o disseste. Perdoar é importante mas libertá-lo, nos parece mais premente, ainda. Só liberto ele voltará a ser um homem novo. O é preciso que seja um homem novo! É a libertação! A doutrina de Jesus! Libertação é...libertação do pecado, libertação da injustiça, libertação da tirania. É a libertação para a graça e da fraternidade. Foi o grande Mandamento, o Novo Mandamento de Sen. or. Amai-vos uns aos outros! É esta a fraternidade cristã. Livre comunicação com todos, solidariedade entre os homens, com os mais pequeninos, com os últimos da Terra, com os pecadores e até com os inimigos! Amor sem discriminações, perdão sem limites, porque, vendo bem, num mesmo homem se junta um Adão, pobre pecador, e um Cristo, redentor glorioso.

Como poderemos nós não correr de coração e braços abertos ao encontro de um filho "que estava perdido e foi achado, que estava morto e ressuscitou"?, nas palavras do próprio Evangelho!

UMA PAUSA BREVE

BISPO.....- (noutro tom) Da boa hora nos mandou o Senhor de visita a esta ditosa Vila, para ouvirmos este nosso filho e tomarmos conhecimento de um outro filho, mais dilecto. Frei António e Frei Tomás providenciai para que à nossa presença venha Frei Adão Dinis e possa cumprir-se, nele, a vontade do Senhor e a Nossa.

A JUJICA VOLTA A ENCOMER A CENA

★

CAPITULO VII

"Os meus dias como sombra passaram ;"

" e eu como feno me sequei ;"

" Mas tu, Senhor, permanecerás para sempre ;"

" E (só) a memória do Teu Nome vai de geração em geração ."

SALMO CI, 12 e 13

★

Com a sua torre altaneira, a Porta de Montalvão não é, mas bem podia ser, um "ex-libris" de Nisa.

Há seis séculos que permanecem, quase incólume uma, sinistra e altiva a outra, impondo respeito e ameaçando ruína. Ambas.

Antes que, para vergonha nossa, a incúria dos homens permita que se percam, de vez, estes monumentos de Trezentos, preste, aqui, a mais sentida homenagem a duas das mais belas jóias do Património Nissorro e testemunhas gritantes de uma História que, por um triste fadário, tem sido, sempre, muito mal contada.

★

Domingo de Páscoa!

Depois da missa do meio-dia, a Vila saía para a rua para assistir ao desfile e exibição dos CORCOVADOS que vinham dar as "boas -festas" a ricos e a pobres.

A contradança, pois de uma contradança se tratava, era desempenhada por DOZE PARES DE CORCOVADOS, UM MESTRE, UM TOCADOR E UM PORTA-ESTANDARTE.

Abria o cortejo o PORTA-ESTANDARTE levando, bem alto, uma bandeira encarnada.

Seguia-se o TOCADOR.

Depois, vinha o MESTRE com a sua batuta e o seu assobio (apito) de comando.

Finalmente, os CORCOVADOS, marchando dois a dois, empunhando a cacheira, que seguravam com ambas as mãos.

Vestiam

- frague ou sobrecasaca preta com uma corcova, que obtinham colocando, e cosendo, nas costas da vestimenta um côcho de cortiça forrado com um pano preto;
- colete de seda bordado;
- cinta encarnada atada para o lado;
- calções encarnados com guizos a servirem de botões;
- meia branca arrendada;
- sapatos pretos de prateleira ou botas;
- chapéu preto enfeitado com ramalhetes de flores de papel e penas de cores e forrado com um lenço de seda de modo a transformá-lo num bicórnio em cujas extremidades se pregavam fitas caídas para os lados, e
- luvas brancas.

As cacheiras, ou cachamelas, eram todas pintadas às cores e delas pendiam dois molharascos de fitas com guizos nas pontas.

No local previamente escolhido, e eram todos os Largos e Praças da Vila, e sempre a um sinal (apito) do MESTRE, paravam para entoarem as quadras que já tinham sido aprendidas dos avós, e execu-
tavam, simultaneamente, uma sequência de movimentos concertados, sempre bem marcados pelo apito do MESTRE.

Assim:

- voltavam-se para a frente,
- levavam as cacheiras ao chão,
- batiam com elas, á direita e á esquerda,
- erguiam-se de novo,
- voltavam-se para o lado do MESTRE,
- batiam com a cacheira na marrana do Corcovado,
à sua frente.

★

Terminada a função, e entre o aplauso dos crescidos e o gáudio dos pequenos, a "jangada", como a si próprios se chamavam, lá ía chocarreira e folgazã, garrida nos seus trajos burlescos, evocando, certamente, bobos e truões que, nos salões da Idade Média, esbanjavam sátira e divertimento, por obra e graça de alguma mazela ou deformidade física.

★

1. Entram os CORCOVADOS.

Exibem-se e cantam as seguintes quadras:

Já lá vêm os Corcovados
com a sua eleição.
Vêm dar as "boas-festas"
aos senhores q' aqui' stão.

Manjerona bate à porta,
Anecril vem ver quem é.
São os olhos de Maria
vêm falar a José.

Canta, canta toda a noite
na silva, o rouxinol.
Nós cantamos todo o dia
do nascer ao pôr do sol.

Mariquinha lava a louça
cum sintid no amã.
Dá-lh' uma, promet -l' outra,
ficá louça pu' lavá.

O lagarto, coutadinho,
'stá intarrád n' arêa.
Quim o fô desintarrá
ganhará moéd' é mêa.

Há-de haver agora um ano
que vos vimos visitar.
Os amigos, como estes,
sempre s' há-dem visitar.

Marca, marca esta batuta,
Marca, marca esta dança.
Vimos nós aqui cantar
os Doze Pares de França.

Chamastes ó mē pai cōx
e à minha mãe carcovada.
Retiram-se do caminh
dêxim passá a jingáda!

2. Durante a exhibiçãõ dos CORCOVADOS, o Largo acabou por encher-se de uma assistênciã divertida e participante, com grandes e pequenos a mimarem a contradança.
3. Terminada a exhibiçãõ e quando, entre aplausos, os CORCOVADOS se preparavam (e começavam mesmo a) sair, começa a ouvir-se o dobre, a finados, dos sinos da Matriz.
4. A cena pára.
5. Depois, vem a reacçãõ natural.

★

- I MULHER.....- Virgem Santissima! Que é isto?
- II MULHER.....- Tu ouves o mesmo que eu estou a ouvir?
- I MULHER.....- Dobram os sinos da Matriz!
- II MULHER.....- É. Toque de finados.
- III MULHER....- Em Domingo de Festa!
- I HOMEM.....- Qualquer um dia é dia de dar a alma ao Criador!
- III MULHER....- Mas em Domingo de Festa!
- II HOMEM.....- Para quem se finou acabaram-se as festas!
- III MULHER....- Mas não está direito!
- I HOMEM.....- Direito ou torto, os sinos não param de dobrar!
- II HOMEM.....- Quem poderá ter sido?
- I HOMEM.....- Quem cuidas tu que foi, mulher?
- I MULHER.....- Como posso eu saber?
- II MULHER....- Quem tem estado muito mal é o filho do João do Engenho!
- II HOMEM.....- Que tem ele?
- II MULHER....- Uma catarral.
- III HOMEM....- Terá sido ele, coitado!?
- I MULHER.....- Alguém devia ir à Matriz.
- I HOMEM.....- Manda lá o cachôpo! Ele não está por aqui?
- I MULHER.....- Isso não são vidas de cachopos! Mas lá que devia ir alguém, isso devia.
- III HOMEM....- Eu vou. Tu vou saber.
- I HOMEM.....- Então vá já! Do que está à espera?
- III HOMEM....- Vou, sim senhor!
- II HOMEM.....- Não merece a pena! Vem já família a descer, além, a rua da Cadeia!

A CENA DESLOCA-SE PARA E NA
DIRECCÃO APONTADA.
UM SILÊNCIO

- I MULHER.....- Quem será? Tu distingues?
- I HOMEM.....- Não alcanço lá muito bem mas quem quer que é vem de luto carregado!
- III MULHER....- Que cor mais triste para Domingo de Festa!
- II MULHER....- Ai, mulher! Cala-te, com essa conversa!

- III MULHER....- Então, que queres tu? Não se me leva a paciência, alguém morrer no dia de hoje!
- III HOMEM....- Vem de mantilha pela cabeça!
- II MULHER....- De lanternas acesas, na mão.
- IV MULHER....- Deixem ver! Deixem lá ver!
- I HOMEM.....- Tem-te ,mulher!

DESDE A RIBALTA, OS PERSONAGENS,
EM CENA, ABREM ALAS.

ENTRAM NOVOS PERSONAGENS.

MÚSICA SOLENE, GRAVE OU FÚNEBRE,
E QUE VAI FICAR ATÉ FINAL.

- I MULHER.....- Por quem é o luto?
- II MULHER.....- Quem morreu?
- RECEM-CHEGADA- Frei Adão Dinis!
- I MULHER.....- Não!
- II MULHER.....- Quem nomeou ela?
- I MULHER.....- Escuta.
- RECEM-CHEGADA- Frei Adão Dinis.
- II MULHER.....- Santo Nome de Jesus!
- RECEM-CHEGADA- Finou-se esta manhã, ao romper da alva!

A NOTÍCIA VAI ALASTRANDO,
PROVOCANDO REACÇÕES VÁRIAS:
HÁ OS QUE CHORAM,
OS QUE SE REVOLTAM,
OS QUE SE CONFORMAM
OS QUE AJOELHAM.
OS QUE CONVVERSAM, EM SÚBITA.

TODA ESTA MOVIMENTACÃO EM CENA
DURANTE UM TEMPO:

NOVOS PERSONAGENS VÃO ENTRANDO
PREPARADOS JÁ PARA A PROCISSÃO
E VELÓRIO, ENQUANTO OUTROS VÃO
SAINDO, MAIS OU MENOS LESTOS,
PARA REGRESSAREM, DEPOIS, JÁ DE LUTO
E DE LANTERNAS NA MÃO.

6. Quando a multidão quase enche o Largo e enquanto se discute o que fazer e como fazer, CONSTANÇA entra pela E.B., a mão e como que procurando esconder-se.
Vem com uma CRIANÇA pela mão.

CRIANÇA.... - Que é isto, mãe? Por que está aqui tanto povo? E por que está a mãe a chorar?

CONSTANÇA.. - Morreu Frei Adão. Adão Dinis.

CRIANÇA.... - E quem era ele? Quem era Frei Adão Dinis?

UM SILÊNCIO, COM O MOVIMENTO
E SUSSURRO DA MULTIDÃO, EM FUNDO.
O SOM DA MULTIDÃO SOBE.

7. ÁLVARO DINIS, velho, abatido e alquebrado, entra e pára, atrás de CONSTANÇA.

CRIANÇA.... - (aproveita a pausa para correr e juntar-se à multidão)

CONSTANÇA.. - (chamando a mãe) Maria! Maria!

CRIANÇA.... - (de longe e misturando-se com os outros) Volto já, mãe!
Volto já!

O SOM DA MULTIDÃO DESCE ATÉ
QUASE AO SILÊNCIO.

ÁLVARO.....- Constança! Constança Dinis!

CONSTANÇA...- (sem se voltar) Meu tio! (volta-se, ajoelha e toma-lhe as mãos) Como podeis, vós, senhor...

ÁLVARO.....- Não digas nada. Levanta-te, minha filha. Levanta-te e escuta. Direi pouco, que não sei muito, e o tempo é de silêncio! Mas é preciso que me escutes porque não sei do tempo que me resta! E receio que seja pouco.

CONSTANÇA...- Não há-de Deus querer que seja assim.

ÁLVARO.....- Levanta-te, minha filha.

CONSTANÇA...- (executa)

ÁLVARO.....- Constança Dinis! Melhor do que ninguém, tu podes imaginar quanto sofri. Melhor do que ninguém, tu és capaz de avaliar como foram penosos para mim os últimos sete anos! E, se depois de tão longo tempo ainda me vês de pé, é só porque no meu coração, entre destroços, continuou um fio de luz que teimou em não se apagar, tal como a sempre adiada esperança de um milagre por acontecer! E eis que, de repente, bendito Deus, o milagre se alonga ante meus olhos.

CONSTANÇA...- Com ele, sim. Mas comigo? Como posso eu, alguma vez, até ao fim de meus dias levantar os olhos para quem quer que seja, se a minha falta continua por remir, se a minha dívida continua por saldar? Para mim, o milagre seria...

ÁLVARO.....- O milagre de que falo, és tu.

CONSTANÇA...- Mas como é possível que a minha culpa...

ÁLVARO.....- (interrompendo-a) Eu sei! Mas também começo a acreditar, e se não fora desafiar a Deus, eu quase diria que bendita foi a culpa que a tal redenção deu ao. Foi dolorosa a paga, mas é glorioso o prémio! E se o Senhor quis que tudo assim acontecesse, então, seja feita a vontade do Senhor! Aceitemos tudo o que se passou à conta das ~~vozes~~ nossas faltas. Eu sei que é difícil perceber, e agora sou eu quem o diz! Mas...como foi possível que eu mesmo tivesse juntado a minha voz à voz daqueles que te denegriram? Como foi possível ignorar-te, quando a Vila inteira arrastava o teu nome, de rua em rua?

CONSTANÇA...- Eu serei a única culpada!

ÁLVARO.....- (sem a ouvir) No entanto, e apesar de tudo o que aconteceu, agora que volto a olhar, bem de frente para ti, sinto que outras forças me dominam, me percorrem, de alto a baixo, como se em minhas veias voltasse a correr um sangue novo! Agora, que te encontrei, sinto que és tu, Constança, que vens dar um outro intento á minha vida! Sinto-o. Por isso eu digo, e que Deus me perdoe mais uma vez, que o verdadeiro milagre és tu. Não foi por meu filho, de pecador, se tornar santo! Não. É por ti! É por ti que o meu milagre acontece. É por ti que a vida torna ao corpo de um velho! É por ti que uma contelha de amor volta a fazer bater um coração, que se julgava parado. É por ti que uma mão-cheia de sonhos se oferece, generosa, a quem acreditava ter perdido o direito de sonhar!

CONSTANÇA...- (beijando-o, carinhosa) Meu tio!

ÁLVARO.....- Se podes perdoar-me... Vem, minha filha! Agora, mais do que nunca, minha filha! Agora, que a tua filha é, enfim, a minha neta, também, mais do que nunca, o meu nome é o teu nome, e a minha casa é a tua casa. Vem, Constança Dinis! Vem. Bem juntos enfrentaremos o mundo e juntos continuaremos até que a morte nos separe.

CONSTANÇA...- A morte nada poderá contra nós.

ÁLVARO.....- Ainda és bem uma Dinis!

ABRAÇAM-SE VIOLENTAMENTE

CRIANÇA.....- (saindo da multidão) Mãe, mãe! Já vão. Vão á Senhora da Graça buscar o corpo de Frei Adão! E vão trazê-lo, em procissão, para a Matriz. Vamos! Vamos, também nós, mãe!
(pára zo ver CONSTANÇA e ÁLVARO)

CONSTANÇA...- Vem cá, minha filha!

CRIANÇA.....- Váps! Vamos também, mãe!

CONSTANÇA...- É o senhor, meu tio?

ÁLVARO.....- Eu fico-me por aqui. Já me faltam as forças e não me sobra ânimo para tão dolorosa romaria! Fico-me por aqui, meio escondido e longe de todos que não importa que o Povo se aperceba de mim. E para quê?

Fico-me por aqui, esperando! Esperando! E desta vez não será em vão! Durante anos, sempre às escondidas, longe dos olhares indiscretos da Vila, eu vim aqui; e aqui mesmo, sempre meio oculto pelos muros desta Porta de Montalvão, eu vim, dia após dia, com a secreta esperança de que havia de vê-lo surgir, além, subindo aquela ladeira!

Continuo esperando. Só assim se me alimenta a ilusão de que, enfim, ele volta para nós!

CRIANÇA....- Mãe, vamos!

CONSTANÇA...- Ficaremos, também nós, aqui á espera. Tendes razão, senhor. Ainda que de volta o tragam para a Matriz, na verdade, é para nós, só para nós, que ele vai voltar!

CRIANÇA.....- (suplicante) Mãe! Vamos! Vamos!

AO FUNDO, COMEÇA A ORGANIZAR-SE O CORTEJO.

A MULTIDÃO, AGORA EM PRIMEIRO PLANO, COMEÇA A SAIR, PELO FUNDO, EM PROCISSÃO, ESTOANDO "O BENDITO"

CRIANÇA.....- (suplicante) Vamos, mãe! Vai ali o Povo todo!

CONSTANÇA...- (serena) Sim. Vai ali o Povo todo. A Vila inteira! Vão ali todos! Todos aqueles que, ontem, o crucificaram! Todos aqueles que, hoje, o glorificam! Todos aqueles que, amanhã, hão-de esquecê-lo.

ÁLVARO.....- É assim, curta, a memória dos homens!

CRIANÇA.....- (quase chorando) Por que não vamos, mãe? Estavam a dizer, e eu ouvi, que ele era um santo. É verdade?

ÁLVARO.....- Talvez o tenha sido!

CRIANÇA.....- (apontando Álvaro, discretamente) Quem é? Quem é, mãe?

ÁLVARO.....- Quem sou eu? Um velho. Alguém que bebeu até à última gota todo o fel que a vida pode dar. Alguém que... Mas que importa toda esta conversa? Que pode importar, a ti, criança, toda a história de um velho...como eu...ainda que...esse velho...seja...seja...

CONSTANÇA...- (mais com o olhar do que com o gesto, pede-lhe que não continue)

ÁLVARO.....- (limpa uma lágrima rebelde)

CONSTANÇA...- Minha filha, este senhor...

CRIANÇA.....- Também está a chorar! É por Frei Adão? Então...ele sempre era um santo?

ÁLVARO.....- Ainda que o não fôra!

CRIANÇA.....- Não compreendo. Tu não compreendo o que queres dizer!

ÁLVARO.....- Vem cá, meu anjo!

CONSTANÇA...- (empurra-a, docemente)

ÁLVARO.....- Vem cá. Vem. E, enquanto esperamos, eu vou contar-te, porque é preciso que o conte, e tu vais ouvir, uma das mais belas histórias de amor que esta nossa Terra já conheceu. Eu sei que não vai ser fácil, nada fácil, mas, a seu tempo, meu anjo, a seu tempo tu compreenderás!

O CORO DA MULTIDÃO COMEÇA A SUBIR.

ÁLVARO.....- Escuta! Tu chamas-te ...

CRIANÇA.....- Maria, ...

ÁLVARO.....- ...Dinis! Escuta, meu anjo! Frei Adão... Adão Dinis...
...Adão Dinis...era...

O CORO DA MULTIDÃO ENCHE A CENIA, ENQUANTO O CORTEJO CONTINUA SAINDO PELO FUNDO.
INSTANTANEAMENTE, O PANO CAI.

NOTA (TRISTE) FINAL

"...e trouxeram-n'o em procissão entoando o "
 " bemdito, para a Matriz, onde o depositaram "
 " e lhe fizeram magnificas exequias; e de- "
 " pois, para lhe cumprir a derradeira vont- "
 " de, mandaram construir uma sepultura de "
 " marmore branco, que collocaram no atrio da "
 " igreja da parte esquerda da entrada, onde "
 " o mettêram, cobrindo-a com uma lousa da "
 " mesma pedra, em que gravaram o seguinte "
 " epithafio : "Aqui jaz Frei Adão Diniz" co "
 " mo se o seu humilde e singello nome fôra "
 " o seu melhor elogio!..

* * *

"...e passados alguns annos mais, nem as su- "
 " as cinzas deixaram em repouso, porque no "
 " dia 4 de junho do anno 1749 tiráram-n'as "
 " do formoso mausoleu, para n'elle deposita- "
 " rem o padre Manoel Alcanforado Pimenta, "
 " ...e as collocaram em um pequeno e grossei "
 " ro caixão de madeira, que levaram para a "
 " sacristia da igreja, onde ainda se conser- "
 " vam no maior abandono e desmazêlo....."

DR. MOTTA E MOURA

(Memória da Vila de Nisa)

(1855)

* * *

II NOTA (TRISTE) FINAL

Nos anos de Quarenta, o pequeno e grosseiro caixão de madeira, com o que restava de Frei Adão Dinis, ainda andava pelos cantos da sacristia (do lado direito) da Matriz aos baldões, entre castiçais partidos e mobiliário degradado, como qualquer relíquia incómoda que mais importaria ocultar, para sempre, mas que um atávico, e quase inconsciente, pudor ia impedindo que se ousasse ignorar, de vez.

* * *

Em carta de 15 de Julho de 1986, meu Pai escreveu :

"...depois de muito vasculhar "
 " nas sacristias e noutros lugares, consegui "
 " finalmente encontrar a dita caixa de ma - "
 " deira (com feitio de mala) e escrito no "
 " tampo de cima OS OS303 DE FREI ADÃO DINIS "
 " o que é pena estar tão ao abandono como "
 " actualmente se encontra : tão ao abandono "
 " que até o padre Lopo, que aqui exerceu mui "
 " tos anos como pároco, desconhecia completa "
 " mente a caixa."

Sem comentários.

Feijó, 17.07.86

★